

A PARTIDA

“A única viagem é aquela que fazemos dentro.”

Rainer Maria Rilke

Passavam quinze minutos do meio dia e eu já estava metida num trinta e um. O assento. Trinta e um “F”, para ser mais precisa. Rumava em direção a Addis Ababa, capital da Etiópia, e ia fazer escala em Frankfurt. Dezoito horas me separavam do início daquela que seria uma aventura de cinquenta e dois dias, três países e o dobro dos aeroportos.

Já não me lembrava ao certo de tudo aquilo que me havia levado ali, àquele momento em que me ajeitava na cadeira, agarrada à promessa de dar vida ao sonho. Mas era justo dizer que me considerava uma caçadora de sonhos, e que eles me faziam mover e crescer sempre que os ousava sonhar e seguir. Não era um acaso ter tatuado nas costas um dreamcatcher, uma forma como outra qualquer de me recordar aquilo que me ajudava a ser eu própria e a dar sentido ao caminho.

No dia anterior, precisamente às 16h20 da tarde, estava a assinar os papéis que davam corpo à EDT¹ em Portugal, um projeto que tinha sido soprado pela brisa do destino desde as montanhas de El Escorial e que tinha atravessado a fronteira para continuar a relembrar-nos, a todos, do essencial. Arrumar as malas e ir para o aeroporto nessa altura era quase como sair da maternidade e ir fumar o charuto que celebrava o dar à luz.

Sentada num dos cafés do aeroporto, enquanto repassava mentalmente os momentos em que tinha guardado o passaporte, os bilhetes, os contactos, os produtos de higiene, os medicamentos básicos, a máquina fotográfica, o computador, a bússola, o canivete, e a Alma, deixava-me tocar pelas emoções que enchiam aquele espaço. A ansiedade daquele velhote de

1. Escola de Desenvolvimento Transpessoal

mãos trémulas que segurava um ramo de rosas e andava de um lado para o outro, à espera da sua alma cúmplice, os amigos cheios de cartazes e risos nervosos, prontos a correr e a gritar sem vergonha o nome de quem esperavam, ou os pais que de lágrimas nos olhos não se conseguiam conter e apertavam com força as crias, sem os deixarem respirar, ou ainda aqueles homens que para disfarçar a saudade e a emoção davam uma palmadinha nas costas e lançavam uma piada e todos riam mais por costume do que por graça. Mais amargas eram as despedidas, nunca fáceis, que baixavam as cabeças e os olhos, que contraíam e acabavam quase sempre num “vai correr tudo bem”, “vai passar depressa”, “tem cuidado contigo” e “assim que chegares liga”. Os corpos voltavam-se e encolhiam-se, tentando aguentar o fino corte da espada. As expectativas e as dores, as promessas, as muitas promessas, enchiam os corredores.

Poucos lugares são tão terapêuticos quanto um aeroporto. Se umas horas ali não nos fizerem enternecer com as potencialidades e vulnerabilidades do ser humano, acho que já não sabemos há muito por onde vagueia a nossa Alma.

Tinha calculado com rigor as horas de partida, as de chegada, as escalas, os fusos horários e agendado os voos sem margem para pássaros no motor, por isso, deixei a poesia da humanidade continuar a escrever-se e a reescrever-se entre bagagens e fui para a porta de embarque.

Sentia, desde que tinha feito a primeira viagem sozinha, aos 19, para o Egito, que com essas saídas de casa para o mundo, sem pessoas conhecidas e, portanto, sem carregar personagens e capas nem me moldar às expectativas e papéis, podia ver-me com mais transparência e experimentar-me em diversos cenários. Na maior parte das vezes, na minha própria vida ou enquanto acompanhava outros em consulta, eu conseguia encontrar a Vida, ou Deus, como lhe quisermos chamar, no meio das tormentas, dos pântanos e das sombras, e por isso achava também ser capaz de encontrar essa condição sagrada em cada esquina do mundo, fossem quais fossem as circunstâncias.

la estar cinquenta e dois dias fora de casa, apesar de o plano inicial prever apenas quarenta. Desde o verão que me tinha entretido a desenhar inúmeras rotas imaginárias e ávidas que,

por uma razão ou por outra, nem sempre se conjugavam com o fogo do entusiasmo. Era preciso ter em conta o clima de cada lugar, as datas de início e fim das viagens, a sua combinação, os preços dos voos, dos programas e, claro, o rufar dos tambores dentro do corpo. Mas, poucos dias antes de partir, a agência tinha cancelado o programa que me iria levar a conhecer os costumes e ritos dos vários grupos étnicos existentes no Omo Valley na Etiópia e ofereceu-me, para compensar, uma viagem duplamente mais cara, mais duradoura e de categoria superior, que me dava a conhecer praticamente todo o país. Daí partiria para o Equador, visitando a Amazónia, pernoitando em casas de famílias de indígenas, tocando o “Nariz do Diabo” e alcançando o “Fim do Mundo”. E por fim, terminaria na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, num programa de voluntariado.

Este era o meu trajeto, mas não seria a minha travessia. Este era o meu plano, mas não seria a minha viagem. Pensava ter na mão todo o baralho de 52 cartas, mas faltavam-me os Jokers, e esses só podiam ser jogados pelo destino, como trunfos.

No avião, sentada e com o cinto apertado, quase tanto como o coração, sentia-me a ser invadida pelo travo adocicado, quente e estimulante de quem estava a cumprir um sonho e, ao mesmo tempo, de forma intensa e contraditória, o vazio alastrava-se e começava a ocupar mais espaço. Na garganta, o nó da partida e a mesma pergunta de sempre: Quem serei eu quando voltar?



ETIÓPIA

“Há momentos assim na vida, em que nos sentimos tão próximos da beleza e da verdade que tudo o resto parece irremediavelmente fútil.”

Miguel Sousa Tavares

ADDIS ABABA, A NOVA FLOR

Tinha partido de casa no dia anterior, com uma mochila cheia, mas com espaço para os tesouros que almejava descobrir e, nesse sábado 24 de Janeiro, assentava finalmente os pés na terra que o destino me tinha escolhido.

Estava rodeada de quatro paredes, a sentir-me em lado nenhum, numa espécie de entre mundos. O quarto do Bole

Ambassador Hotel, onde deambulava e aguardava a chegada da alma ao meu corpo, tinha-me sido emprestado para poder descansar enquanto o meu verdadeiro quarto era preparado e colocado em ordem. Tudo era um quase, um “entre”, uma transição.

Pouco tempo antes tinha aterrado na capital, Addis Ababa, “a nova flor”, e a primeira coisa de que me apercebi foi do cheiro quente, envolvente, um cheiro feito de terra e de pó.

O aeroporto era pequeno e organizado e não demonstrava grande azáfama, pelo que os trâmites não passaram da recolha da mochila no tapete e do aguardar da carrinha que me levaria ao hotel. Sentada num banco junto à zona da troca de moedas, vi chegar um rapaz com ar despreocupado, mas atento, rolando a sua pequena mala com rodinhas, e cheio de vontade de se expressar. E eu não podia dizer que coincidissem nesse anseio porque o meu inglês era básico, ainda que entendível e suficiente, e pouco dignificante. A vergonha que me atingia quando o tentava arrancar do meu interior para o mundo era na verdade a grande limitação. Uma limitação que me acompanhava sempre em viagem, com a qual aprendia a lidar a cada dia, e que me apoiava muito nessa travessia de aceitar docemente o facto de não fazer bem alguma coisa.

Já o Félix, oriundo da Suíça, não mordida a língua nem os lábios por causa dessa questão e fazia saltar à velocidade da luz uma série de palavras em inglês aspergidas com um sotaque francês nada subtil. Nesses poucos minutos de espera, e no meio de muito humor, apercebemo-nos que seríamos companheiros naquela aventura etíope. Ambos tínhamos um véu de genuinidade e espanto nos nossos rostos, próprios de quem se abre ao porvir e não tem a mínima ideia da história que estava prestes a ser escrita.

Rumámos em direção ao hotel dentro da carrinha preta e fomos tomando contacto com o novo cenário. Olhava em volta e tudo parecia cru, quase pronto, em construção ou embargado. Os tons terra engoliam completamente todos os outros tons e não dava para perceber se nos encontrávamos numa zona boa ou numa zona precária, tal era a ambiguidade de características que conjugavam na mesma construção o aparentemente novo e velho.

Os traços delicados só os encontrei nos rostos morenos e nos sorrisos meigos das pessoas. Talvez fossem elas a nova flor de que rezava a história e que dava significado à capital.

Quando chegámos ao hotel, o camareiro ajudou o Félix a levar a mala dele, fazendo as rodinhas rolar pelo chão encerado e deixou-me a mim a carregar com os 15kg nas costas. Foi na chegada ao balcão e na alegria de ver mais alguém com um inglês atropelado que fiquei a saber que não podia dar aquilo pelo qual já todas as partes de mim clamavam: um banho longo que me aquecesse, esvaziasse e renovasse e uma cama que me enredasse num sono profundo e me libertasse das tensões.

Sentada na cama do quarto emprestado, sem peso, para tentar não amarrotar a colcha que não iria utilizar, esperava sinais de casa depois de ter escrito e enviado todas as mensagens para a lista dos prioritários. Enquanto isso, vinha-me à mente a visão em flashes da lista afixada no hall de entrada do hotel e que revelava o nome de todos os outros companheiros de viagem. Do que me recordava, éramos quinze. E o meu nome também lá estava, era real, estava na Etiópia.

Duas horas depois, a colcha e eu entrávamos numa relação simbiótica. Estávamos amarrotadas num quarto que, com o passar do tempo, se tinha tornado apertado, desconfortável e uma brecha para a manifestação do cansaço e da vulnerabilidade que sempre teima em entrar em momentos de mudança. O desconhecido, mesmo quando escolhido, exige todos os nossos recursos e é nessas alturas que os monstros raspam as unhas nas portas do armário ou nas traves debaixo da cama e que assinalam a sua presença. Aquelas raspadelas começavam pela lembrança do que deixara para trás, pelo contar dos muitos dias que tinha pela frente, pela tónica de gravidade dada ao idioma que não dominava, pelo ajuste à estranheza do lugar e pela partilha das minhas horas com pessoas que ainda não eram alguém para mim.

Tinha a sensação nítida de que os monstros eram os únicos que não se tinham esquecido de mim naquele quarto. O relógio que tinha no pulso, estava três horas atrasado tendo em conta o novo fuso, e eu movi-o na esperança de que o tempo começasse a passar por mim de outra forma. Tinha tido tempo para ler o pequeno guia e o programa da viagem várias vezes, tantas que

certamente não iria necessitar de o consultar mais até ao final dos dias.

Ansiedade, taquicardia, dores de cabeça, fraqueza geral, náuseas, e tantos outros sintomas, infelizmente familiares, atacaram-me com uma rapidez e eficácia notáveis. Os efeitos dos comprimidos da malária nunca me tinham perdoado as saídas de casa e, naquele dia, eles tornaram-se particularmente rancorosos e agudos. Estava no primeiro dia da viagem e encaminhava-me para um lugar escuro que não tinha escolhido e que não fazia parte dos meus melhores sonhos de férias, onde tudo é perfeito, onde não chove, não faz frio, não há trânsito, não há doenças, não há problemas, não há horários, não há discussões. Portanto, a fertilidade da imaginação no que respeitava a férias, ironicamente, era um cenário de ausência total de vida onde não havia qualquer espaço para a transformação. Salvava-me o facto de ser humana, feita de contradições, de desejos incompletos, de momentos e de distintas faces de uma mesma moeda.

Empurrei os sintomas para um espaço cativo dentro de mim, agrilhoei-os às paredes da minha própria estrutura, e subi as escadas que me iriam levar a uma sala cheia de plásticos e andaimes, que apesar de parecer um erro, era o lugar certo do encontro com o guia, os outros viajantes e a antevisão do futuro promissor que se abria diante de nós, tendo em conta as notas que tomei de acordo com o discurso do guia:

- Alguns dias sem wifi – que se viriam a tornar muitos dias sem wifi;
- A eletricidade umas vezes funcionava e outras vezes era substituída pela romântica luz de velas;
- Para nos “libertarmos” era atrás da moita, nuns spots já muito estudados e de duas em duas horas;
- Havia a probabilidade de haver pulgas nas carpetes, nomeadamente nas igrejas, mas não era problemático porque apenas davam comichão e depois passava;
- Pedia-se encarecidamente boas doses de paciência pois os ritmos de África eram os ritmos de África, havia demoras nos restaurantes, a possibilidade de 6 ou 7 mudanças de quarto e muitas outras coisas que viríamos a descobrir mais tarde.

Feka, o nosso guia, era pequeno e esguio, com umas grandes rastas, aparentava ter vinte e poucos anos e era dono de uma mistura de originalidade, ternura, timidez e descontração, que facilmente derrubava os muros das resistências e nos desfibrilhava o coração.

Quanto aos outros, aqueles que nessa altura ainda não sabia que iam ser parte de mim, eram originários da Suíça, de Inglaterra, da Alemanha, do Canadá, da Austrália, da Nova Zelândia, da Rússia, da Colômbia e do Brasil. Éramos catorze pessoas e umas impressionantes dez nacionalidades e, para além disso, muitos deles estavam a morar e a trabalhar noutros países, ampliando ainda mais a diversidade e riqueza cultural daquela tribo.

Esperei o momento da minha apresentação, que chegou demasiado rápido porque tinha muito poucas cadeiras do lado direito e tinham seguido a ordem natural dos ponteiros do relógio.

- Sou a Vanessa, tenho 38 anos, venho de Portugal e sou psicóloga.

Eram essas as poucas informações que tínhamos de referir e, mesmo assim, apesar de me parecerem muitas, no final da reunião já não nos lembrávamos de grande coisa.

Aquela viagem e aquela história começava a ganhar os primeiros contornos e fazia ecoar a voz de catorze forasteiros.

Havia um casal com dois filhos adolescentes, que vinham da Nova Zelândia, o Gerard, conceituado jornalista e advogado, Dália, a sua mulher, mais nova na aparência, e o Edmund e a Barbora, dois adolescentes típicos, sarapintados por borbulhas de crescimento, com os cabelos orientados para todas as coordenadas, e vestidos de negro, ganga e t-shirts roçadas.

O Thiago, natural do Brasil e a Martha, natural da Colômbia, eram dois apaixonados, na linha entre os vinte e muitos e trintas e poucos, que iriam casar no ano seguinte, em maio. Ambos estavam a trabalhar no Sudão do Sul, mesmo ali ao lado, na área humanitária.

O Félix, da Suíça, andava na casa dos quarenta, vendia produtos de beleza e cosmética, e fazia viagens longas com a

mesma facilidade com que eu poderia apanhar o cacilheiro para atravessar o Tejo.

A Merlind era uma jovem alemã, esguia, pele suave e clara, longos cabelos louros, que não deveria estar muito longe dos vinte e seis anos e que exercia medicina.

O Tony contava já com setenta décadas e a forma como falava não disfarçava essa imensidão de mais de vinte e cinco mil dias de experiência. Tinha nascido no Reino Unido, mas tinha pés para andar e uma curiosidade insaciável que o levaram a percorrer o mundo e a experimentar sete ofícios, ainda que a sua paixão, ou essência, fosse o ensino.

O Richard, natural de Goa, e a Karen, representavam um dueto fortíssimo e enobreciam a amizade e a Austrália. Nesse ano iriam cumprir os seus cinquenta, ela em Abril e ele em Novembro, e apalpar a meia-idade, isso se aspirassem a atingir a idade inteira e os sopros suficientes para apagar as velas quando se tornassem espécimes seculares.

E por último, o Paul, do Canadá, um ex-militar que esteve destacado para o Afeganistão e que num primeiro contacto parecia ser apenas um canadense, ou seja, uma pessoa impecavelmente educada, adaptável, inteligente, a roçar a perfeição, mas sem enjoar. Por detrás de tanta perfeição, haveria de descobrir a profundidade, as feridas e o nível de humanidade que me faz acreditar nos humanos, nos Deuses e, em última instância, na beleza.

O Paul afinal não era o último, havia mais alguém naquela sala. A Tatyana, natural da Rússia, com óculos, e que provavelmente se seguiria ao Tony na idade alta. Mas assim como não me recordei de mais nada dela no final da reunião, hoje, enquanto me esforço para encontrar os detalhes e devolver tudo à história, não a consigo encontrar. Poderia dizer que era uma presença fantasmagórica, que não estava lá, entre nós ou em nós, mesmo quando nos ajeitávamos na carrinha, quando fazíamos a contagem das cabeças nas visitas ou quando relembrávamos as peripécias de uns e de outros de forma repetida. No entanto era real, porque uma vez, sentada ao meu lado na carrinha, consegui ouvir a sua voz.

- Tens viajado muito? Já conheceste muitos países?
- Bom... - Comecei a contá-los pelos dedos enquanto os nomeava na minha cabeça – Índia, Nepal, Brasil, Egipto, Tailândia, Camboja, Vietname, Laos, Brasil, Espanha, Áustria, Hungria, República-Checa, Tunísia, Turquia...
- Pelo menos uns quinze já visitei.

Devolvi-lhe um sorriso entusiasmado enquanto me confundi a ver a cara dela a transformar-se e a ganhar uma expressão de acentuada compaixão.

- Deixa lá, não te preocupes... és muito nova e ainda tens muitos anos pela frente para viajar.

Esse sábado tinha sido longo, mas a noite, com pena minha, não lhe iria seguir os passos. A hora para o despertar era as 5h da manhã e eu só queria regressar ao meu quarto. Ao abrir a porta deparei-me apenas com um espaço vazio e frio. Sem nada no frigorífico nem nos armários. Sem aquecimento nem arrefecimento. E a cama, o leito que se quer doce, parecia feita de pedra.

Vesti o pijama de Verão, a única estação de pijama que tinha, enrolei-me no meu casaco polar para compensar, entreguei as minhas primeiras penas ao céu de África e deixei-me ir, rendida ao cansaço.

BAHIR DAR

Passavam 16 minutos das 5 da manhã e eu encontrava-me no hall de entrada para receber um chá e comer dois “dream cakes”, profundamente antagónicos, porque se assemelhavam mais a um pesadelo.... Dentro da minha boca só havia farelos secos, que reboavam de um lado para o outro, empurrados pela língua e pela muita vontade de contrariar a sua notória antiguidade. Ao segundo bolinho, para além do cuspo, juntei-lhe uma dose monumental de esperança, na tentativa que se transformasse em outra coisa qualquer. Mas os milagres não chegavam para tanto ou para tão pouco.

Estava um dia bom para se fazer o que tinha de ser feito. Quando me dei conta, estava de volta a um aeroporto e aos

duplos procedimentos de tirar sapatos, cintos, relógios e tudo o que apitasse.

Perto de mim estava o Thiago, que do alto do seu metro e muito, lançava palavras que eram música para os meus ouvidos, pelo simples facto de serem pronunciadas em português.

Com o baixorítmo da fila onde nos encontrávamos acabámos por partilhar as nossas expetativas, as circunstâncias pessoais e profissionais, pequenos detalhes e um sem fim de informação que nos poupou da consciência do suplício da espera africana.

Ele e a Martha, trabalhavam na ajuda humanitária, ele como responsável e coordenador de equipas, e antes de estarem no Sudão tinham passado pelo Sri Lanka e pela Guatemala. Ele falava com afabilidade e doçura e tinha um sorriso rasgado e descontraído, mas de algum outro lado, que eu não sabia bem qual, vinha também um nível de firmeza e de convicção que não deixava dúvidas quanto à sua vocação e ocupação.

- Lá na favela terás de falar com os líderes, sejam eles dos cartéis da droga ou das milícias. Importa é essa conversação com eles para que possas e te deixem trabalhar. Mas como vais servir a comunidade, à partida, serás bem-recebida.

Nessa altura abanei a cabeça, para cima e para baixo, com um ar de quem tinha percebido e recebido a mensagem, mas na verdade a ideia do “à partida” tinha-me sacudido e estava apenas a ganhar tempo para me recompor.

Passadas as formalidades do embarque e chegada à última sala e aos últimos assentos antes da entrada no avião, perdi-me de amores pela vida ao olhar de forma atemporal pelos vidros do hangar. Começava a deixar para trás o que estava realmente para trás e começava a trazer para o corpo o lugar onde me encontrava. Só despertei quando me apercebi de que estava novamente sentada ao lado do Félix.

- Ontem e hoje, no aeroporto, perto das 7h da manhã. Isto já parece o nosso ponto de encontro – gracejava ele.

O dia estava bonito e frio. Enquanto uns andavam de t-shirt, outros andavam de casacos polares. Ainda não nos tínhamos entendido quanto ao clima.

O avião da Ethiopian Airlines era pequeno, demasiado pequeno para quem o via no hangar e sabia que o ia apanhar. Tive a sorte de me sentar à janela e de poder ver o mundo por esse quadradinho. Os trabalhadores rodopiavam lá fora, com as malas, com os cones laranja, com os carrinhos, e as hélices imitavam-lhe os movimentos. Giraram durante 10 minutos, produzindo a sua parte de energia eólica e, de repente, desligaram-se.

Dos intercomunicadores saiu uma grande e longa conversa em amárico que, depois de traduzida, só se materializou em três frases em inglês... “Um problema mecânico, pedimos desculpa pelo atraso, o mecânico já aí vem”.

O silêncio instalou-se e os olhares trocaram-se. Mas pouco havia a fazer, por isso, voltei a cabeça e continuei a aproveitar os raios de sol que entravam sem timidez pela janelinha. O treino da paciência de que o guia nos tinha falado já tinha começado, e isso era tão claro quanto a voz que saiu do assento da frente e que atçou uma gargalhada geral:

- São dois cafés e um calmante, sff.

Enquanto esperávamos pelo mecânico, ofereceram-nos uma sandes com mostarda para que pudéssemos desviar a atenção do tamanho mínimo do avião, do problema nas hélices e da imaginação fértil e trágica do ser humano, mas a sandes revelou-se igualmente trágica. Estávamos no início da manhã, no início do voo, e aquilo foi como um estalo num estômago que já não podia aguentar mais violência.

A viagem fez-se de forma tranquila, apesar de tudo, e as hélices lá foram girando e juntando-se às paisagens secas, cheias de socalcos, de montanhas, de escarpas, sempre nos mesmos tons acastanhados. Só a imagem do lago Tana e os repentinos tons verde da floresta é que destoaram da constante sensação de aridez e escassez.

Aterrámos agradecidos, deixámos o aeroporto e ocupámos a nossa carrinha de quinze lugares, aquela que nos iria conduzir até à próxima paragem, todos os dias. Pelo caminho vimos um casamento, crianças e velhos com rebanhos e, logo depois, o que parecia ser um funeral. Vários homens levavam sobre eles

alguém inerte numa cama de cana. Outro segurava um chapéu de chuva junto à parte superior do corpo. A minha mente vagueava tentando perceber para que servia o chapéu, mas a vida tinha-me reservado a resposta para mais tarde, numa situação limite, que não esperava de todo que entrasse nesta história.

As árvores centenárias transportavam-nos para uma viagem no tempo. Em cima delas, no meio do nada, mais de uma dezena de abutres acentuava a carga dramática do cenário. Amontoavam-se as imagens de mantos e cajados, de rostos marcados pelos anos, de mulheres belíssimas, de sorrisos abertos de crianças... e, apesar do contacto próximo que íamos tendo, não havia demasiada intrusão e quase se podia palpar a timidez e a contenção.

Creio que comecei a sentir a Etiópia, ou África, ou a ideia de que tinha dela, quando chegámos ao mercado de Bahir Dar. Fazia muito calor, finalmente. O lenço que trazia ao pescoço fez-me escapar de uma insolação quando o enrolei na cabeça.

A entrada desse mercado era como uma porta aberta para o caos, para o movimento. De todos os lados e para todos os lados, sem ordem visível, cruzavam-se homens e animais. Negociavam sem barulho. O pó, insuportável, dava uma aura de mistério à paisagem. Na verdade, até nós passámos a ser um Mistério para nós mesmos. A rouquidão e os espirros constantes eram a única coisa que servia para nos identificarmos e sabermos onde estávamos. Ao nosso redor sobrava café e especiarias, roupas coloridas, mangas curtas e mantas fechadas, bananas, canas, ovelhas, burros, cabras e galinhas alinhadas e penduradas de cabeça para baixo. Jovens e anciãos, sentados ou de cócoras, esperavam por alguma coisa. Esperavam com tempo. Todos pareciam vendedores e não encontrei ninguém que parecesse comprador. Enquanto tentava entender a dinâmica, fui-me perdendo a ver uma mulher a peneirar, outra a estender os oleados, e as motoretas e bicicletas a corrompiarem e a ocuparem os poucos espaços vazios.

No chão só havia terra batida, cascos, patas, sandálias de borracha e os nossos próprios pés à procura do caminho.

Para quem quisesse cortar o cabelo havia muita oferta. Seguiam-se os contentores geminados, muito bem decorados

com madeiras nas portas, lençóis coloridos nas paredes, um ou outro espelho a dobrar o número de pessoas presentes e uma série de fotografias de moda, já azuladas pelo tempo cronológico e pelas intempéries a que tinham sido sujeitas. Mas não havia homem que estivesse lá dentro que não se mostrasse verdadeiramente orgulhoso da sua figura. A fila de espera, ou o convívio, fazia-se cá fora, no chão. Sinceramente, não se conseguia perceber se já tinham saído ou se estavam para entrar, porque todos eles possuíam cabelo curto.

De volta à carrinha, já sentados e envolvidos em pó, o grupo tentava esponejar-se falando da guerra, de interesses políticos e económicos, das origens do Nilo e de outros muitos temas sociais. Eu, por outro lado, estava mais atenta ao que se passava lá fora e acabei por avistar no rio, aquilo que julgava ser um hipopótamo. A cabeça fora de água, deslizando suavemente, até se afundar, como um submarino. Só eu vi, portanto, só eu alucinei. Provavelmente era só um tronco sem vida e ao sabor da corrente. Mas cada um livrava-se do pó como podia.

O novo hotel onde acabávamos de chegar era simples e destacava-se pela montanha de incenso que se consumia na receção e que provocava um formigueiro nas narinas. Depois de subir ao terceiro piso, para o quarto 303, com a mochila às costas, apercebi-me, junto com outros, que havia 2 blocos de quartos. Estava no bloco errado. Não estranhei e fiz aquela expressão de quem se depara com o óbvio - pois claro - e que foi muito contaminada pela crença de que “quando o pão cai é sempre com a manteiga para baixo”. Voltei a descer, voltei a subir, e a mala, que parecia ter dotes sarcásticos, deu a sensação de inflar e de me querer punir por alguma coisa. Ao atravessar a ombreira da porta, entrei finalmente no meu poiso, e vi que estava novamente por arrumar.

Uma belíssima jovem, de sorriso bondoso, tentou fazer tudo em tempo olímpico e sem me importunar. Varreu e lavou à minha volta, girando sobre mim, como se eu fosse uma coluna que sustentava o quarto e que não podia sair do lugar. Assim que a limpeza terminou, o cuco assinalou a hora do almoço e eu tive de passar à fase seguinte, algo que já começava a entranhar-se como hábito.

Nessa tarde íamos fazer a caminhada até às cataratas do Nilo Azul. Saímos um pouco mais tarde porque me tinha esquecido de que estava em África e que pedir a comida as 12h30 não era suficiente para poder sair as 13h30. Cinco minutos antes do tempo terminar, recebi o prato e engoli uma galinha frita com esparguete, sem picante, e com verduras enroladas em todo o lado.

Ao que parecia, não havia cataratas naquela altura do ano. Estávamos na época seca e a situação agravava-se pela existência de uma barragem que guardava para si o pouco que existia. Estávamos também na zona da malária e, normalmente, eu era utilizada para proteger os outros dos mosquitos porque, onde eu estava eles também estavam.

Deambulámos por caminhos esburacados, a ver pó e a comer pó, mesmo dentro da carrinha. Tornava-se claro porque é que demorávamos cerca de hora e meia para fazer menos de 50km. Inúmeras pessoas percorriam as estradas acenando, e da maneira como corriam e andavam sem vacilar, parecia que de facto estavam calçadas, mas a maioria não estava. Na verdade, também não se sentia que isso fosse uma grande questão para elas.

As crianças corriam em grupo, jogavam à bola, mexiam na água, lidavam com os animais e entretinham os turistas. Os adolescentes e adultos, quando não estavam sentados estavam a jogar snooker ou a conduzir o gado, as carroças e alguns carros, poucos.

Mascavam constantemente a cana de açúcar. Cortavam canas, amarravam canas, transportavam canas... parecia uma extensão deles mesmos. Os tuk-tuks abundavam, as motoretas estavam disfarçadas de táxis, e tinham uma lona ou serapilheira ou qualquer outra cobertura, colocada de lado, para tentar dar-lhes um ar mais profissional.

- Estamos numa cidade com um plano mestre - dizia o guia - é por isso que é tão organizada, aqui é tudo muito bonito e arranjado porque não cresceu ao acaso como nos outros sítios. Silenciosamente, questionei-me sobre o que queria ele dizer com arranjado, com plano, com bonito, com a falta de acaso...

Fizemos horas de caminhada por trilhos impróprios para quem tem e quer continuar a ter articulações. Os trilhos eram obviamente para as cabras, as vacas, as ovelhas e os burros, mas serviam também para nós, e não passavam de um amontoado de pedras, pedrinhas e pedregulhos.

Debaixo de um Sol e um calor apertado, pé ante pé, contando passos e fugindo aos vendedores colocados estrategicamente a cada 100 metros, aproximámo-nos da ponte portuguesa e da visão refrescante de água a correr, ainda que estivesse muito abaixo do seu nível normal.

Não me passava pela imaginação encontrar e atravessar uma ponte de pedra portuguesa na Etiópia. Uma ponte que, para o meu grupo de companheiros, passou a ser minha ponte e me deu a oportunidade de aparecer em todas as fotos de todas as máquinas, numa sessão relâmpago, porque o calor apertava.

As têmporas latejavam-me tanto que parecia que batia em mim o coração do mundo.

Não havia sensações de frescura que renovassem o espírito, e nós íamos secando, tal como a terra, à medida que caminhávamos. O vento era só um fraco suspiro e a água não cantava nem quando encontrava a ponte. Mas havia gente. Gente que parecia ter apenas um sentido, aquele em que nós íamos. Passado pouco tempo éramos muito mais a caminho das cataratas do que quando tínhamos começado. Nós íamos ver as cataratas e eles iam ver-nos a ver as cataratas. E, no entretanto, queriam fotos. E com as fotos, queriam dinheiro. E se tínhamos o azar de já não raciocinar e tentar alterar esta lei, tínhamos alguém a percorrer mil passos atrás de nós como uma sombra. E um cajado. A mim preocupava-me mais o cajado do que a sombra, porque com essa eu trabalhava todos os dias nas minhas consultas.

Enquanto caminhava, em esforço, as noções de tempo, de “peso”, de história, tornaram-se verdade e realidade em mim. Conseguia senti-las de forma tão concreta como sentia o chão, a roupa, os dedos das mãos a inchar ou o cabelo a sufocar a nuca. Olhava para baixo para não ter de olhar em frente e ver o que me faltava, olhava para baixo porque era mais curto, mais preciso, porque podia dar indicações aos pés para não pararem

e cederem ao fervor do astro-rei. Naquele cenário, juntamente com o pó, levantavam-se outros fervores, próprios de uns pés dentro de umas sandálias, um corpo coberto por um manto e um coração cheio de misté. Talvez as memórias do próprio caminho me estivessem a atingir com golpes tão violentos como os da secura na pele dos lábios, rompendo-a sem lástima. Se é verdade que as paredes têm ouvidos, também tinha que colocar a possibilidade de que aquele caminho tinha boca e voz.

Deparámo-nos com uma nova ponte, suspensa, que balançava até ao enjoo, o nosso, e que prolongava tinha o condão de nos manter a sensação de que algo debaixo dos nossos pés não estava bem, mesmo depois de sairmos dela e de estarmos em terra firme.

Sentia-me incapaz de medir o tempo ou a distância, mas sabia que tinha demorado cerca de trinta “nãos” pelas garrafas, lenços, cabaças, pulseiras e flautas, para a paisagem se abrir e vermos surgir as cataratas.

Era um cenário arrebatador. O som bruto da água a cair, o farto manto verde, os animais a pastar, as gotas de água a voarem como bandos de pássaros, provocando arco-íris à passagem da luz e estalando na nossa cara com uma frescura que já não recordávamos existir. Estávamos rendidos às cataratas de Tis Issat, cujo nome, incluía de forma certa as palavras fumo e água. Depois de ter atirado ao ar instintiva e ferozmente uma série de maldições contra o tempo, as subidas, as descidas, os calhaus, a roupa, o Sol, o mundo e, basicamente, quem o criou, a visão das cascatas trouxe-me a paz e a reconciliação.

Aquelas gotas pareciam estar a encher-nos de novo e a repor-nos os setenta por cento de água que nos tornavam humanos saudáveis e vivos. Ali não nos importámos de continuar a ginástica de saltar de pedra em pedra, porque isso aproximava-nos da água ou daquilo que parecia ser o elixir da eterna juventude.

Depois de já ter a roupa colada ao corpo, seguimos o rio até um lugar onde um barco, que não oferecia sinais de grande robustez, nos esperava. A junção de uma boa matemática, a noção de pesos e proporções, e um motor esforçado, compuseram a equação vitoriosa que nos permitiu percorrer um dos braços do rio até ao lugar onde estava a nossa carrinha, sem surpresas adicionais.

Voltámos mais silenciosos, mais cansados e mais cheios. Quem entrasse naquela carrinha não conseguiria escapar ao estado de plenitude e de matéria amassada que nos caracterizava.

Os olhos vinham mais brandos, com uma curiosidade fluída e pouco impetuosa, e pousavam devagar naquilo que ia sobressaindo e sobrevivendo aos quilómetros horários da carrinha.

Pousaram num dos nove casamentos que tinha contado durante esse dia, não porque merecesse ser mais celebrado do que os outros, mas porque tinha uma vaca morta no pátio da entrada da casa do noivo, debaixo de um toldo, que estava a ser ali cortada pelo talhante, de forma minuciosa e bem calculada para poder chegar para todos os convidados; ou porque havia todo um espetáculo feito de motos alinhadas, de carros enfeitados com balões, de gente a mais empilhada nos bancos e que quase se podia contabilizar porque apesar de haver nuvens de pó atrofiante que enchiam o ar, a casa, as roupas, os pulmões, isso não era suficiente para terem as janelas fechadas.

O entardecer parecia ter sido contagiado pelo nosso ânimo, com o Sol a descer lento, morno, alaranjado, como se estivesse a resistir a terminar com aquele dia e a ode ao Amor. Mas a noite acabaria por colher esse legado e por dar-lhe continuidade sem dificuldades.

Não me posso esquecer da noite em que provei o prato típico etíope, a ingeera, um pão-panqueca de massa azeda, bem levedada, servida com Wat, um cozido, que pode ser vegetariano, de frango ou de bode, e que é extremamente apimentado.

De tarde tinha visto uma ovelha preta e outra branca a baterem de frente, com recuos e balanços para ganhar poder de choque, e tinha achado aquilo violento. No momento em que provei a ingeera, imaginei-me no campo rochoso a substituir uma delas e, definitivamente, a chifrada iria doer muito menos. Parecia que estava a trincar o pior dos limões, amargado pela vida, e arreganhei a testa até não caberem mais pregas, dei vários coices com a cabeça e desceram-me arrepios do maxilar até ao pescoço. Só me lembro do azedume puro e depois mais nada.

O espírito animal tinha puxado mais um casamento para a nossa beira e, a dança, a música, as palmas e os cânticos

invadiram aquele espaço e abrilhantaram-nos a noite de forma especial, dando alento e compondo as várias conversas que se desenrolavam à mesa.

Da Merlind começava a aflorar uma mistura de coração pulsante, romantismo e estética com um rigoroso planeamento, organização e sentido prático. Desfilava inteligência e inocência, força e vulnerabilidade, e isso tornava-a facilmente gostável.

O Richard, embora me custasse mais a perceber o seu inglês, não se dava nunca por vencido, repetia-me as coisas vezes sem conta, com toda a paciência e um sorriso rasgado, e jamais se acanhava quando tinha de conversar comigo. A Karen, profundamente alegre e sociável, relacionava-se com os outros com a facilidade de quem absorve oxigénio e expela hidróxido de carbono. Aos poucos íamos entrando no mundo de cada um e construindo um mundo de todos.

De regresso ao hotel, de mãos nos bolsos, percorremos a rua deserta num passo tão lento que se conseguia ouvir as solas dos chinelos a raspar no chão. A noite estava calma, silenciosa, envolvente, e o som dos tambores e dos cânticos ia-se perdendo e sendo substituído pelo canto afinado das cigarras.

O cheiro do incenso continuava no ar, muito intenso, fulminante até. Uma estranha e densa névoa pairava pela cidade, ao nível dos nossos olhos, e com ela começava a delinear-se os contornos de uma viagem mágica.

GONDAR

Despertámos às 6h da manhã com cânticos e sem eletricidade no hotel contrariando a via de que a oração ajuda a alcançar uma vida iluminada.

Esse dia estava destinado a uma viagem de barco pelo Lago Tana e à exploração das ilhas e dos mosteiros que nelas tinham sido construídos.

No entanto, viajar também é ajustar-se ao momento e ao que tropeça em nós no caminho, mesmo que fique à margem dos planos e programas comprados. Os cânticos que nos tinham despertado ao alvorecer faziam parte de uma celebração maior que tinha lugar diante do nosso hotel e representava uma

oportunidade para nos embrenharmos no mundo comum de quem ali habitava. Saímos do hotel e infiltrámo-nos no meio da multidão, confiando que bastava seguir o movimento da torrente para podermos conhecer e participar no ritual. Fomos encaminhados até um parque colossal, onde homens vestidos de fato e com um manto branco, agarravam o seu cajado numa mão e a bíblia na outra. Liam concentrados, imersos, sentados em bancos ou encostados aos cantos ensolarados das casas e só desviavam a atenção quando o sacerdote, vestido de amarelo, se aproximava para que beijassem a cruz. Os cabelos brancos, pouco fartos, e os óculos pendurados em quase todos os narizes, eram quase uma imagem de marca. As mulheres, também cobertas de branco, formavam um único, longo e largo caudal em movimento.

Era muita gente, mas o ambiente era tão silencioso e reservado que quase sentimos vontade de andar em bicos de pés, de não respirar, ou de não ocupar espaço, para não perturbar ninguém nem aquilo mais elevado que ali se passava e que eu intuía não estarmos a conseguir alcançar.

Quando chegámos ao cais cheirava a início de manhã. Os tons eram azuis, tanto da água como do céu, e o fresco entranhava-se sem desassossegar. Era uma daquelas manhãs em que sabemos que tudo vai correr bem.

O motor roncou e o barco começou a cortar as águas tranquilas do lago. O nosso único papel era deslumbrarmo-nos com aquilo que os olhos podiam alcançar e ir trocando de lugar para podermos ter novas perspetivas da paisagem e também novas perspetivas sobre aqueles que a vida tinha juntado um dia, nesse ponto do globo.

Todos conversavam com todos, mas a minha vontade e prazer em estar comigo própria, aliadas a alguma reserva e timidez naturais, impeliavam-me para um movimento contrário, de maior recolha, e que só podia ser contrariado com boas doses de energia e disposição, o que nem sempre existia na minha despensa; por outro lado, não me fazia sentido estar num lugar novo sem a respetiva imersão, sem o poder observar, cheirar, escutar e sentir... se estava num barco no Lago Tana, na Etiópia, porque haveria de ignorar isso e limitar-me ao espaço entre a popa e a proa e à troca de palavras que poderia fazer noutra qualquer lugar, sem sair de casa?

Embora tudo isso fosse verdadeiro e visceral em mim, as fotografias que costumava captar em viagem, contradiziam-me, ou melhor, complementavam-me, porque a maioria era feita de pessoas, de rostos e de emoções. A verdade também estava aí contida, na certeza de que as pessoas também são lugares, mapas sem território onde vale a pena se perder. Mundos que nos agitam e nos fazem partir em busca de algo e, na maioria das vezes, que nos transformam e nos marcam a chegada, na hora certa, à nossa própria Alma.

Do barlavento veio o chamamento da primeira ilha e o largar das águas doces para podermos pisar terra firme. Subimos uma vereda que nos levou à igreja ortodoxa de Ura Kidane Mehret, uma igreja circular, do século XVI, que impressionava pela qualidade e quantidade de histórias contadas através das pinturas garridas e muito bem conservadas. Lá dentro, os tambores tocavam da forma como deve tocar qualquer tambor, ou seja, criavam um eco no peito e punham o coração a um mesmo ritmo. Na porta, um enorme pano de veludo vermelho pendurado estabelecia o limite com o exterior e aumentava a curiosidade sobre aquilo que se encontrava por detrás, escondido.

Nas imediações podia encontrar-se também uma espécie de museu, escuro, recôndito e que se dizia guardar enormes tesouros como as coroas de alguns imperadores e as túnicas bordadas de várias figuras distintas. A simplicidade do espaço contrastava com a riqueza dos objetos e fazia pensar que tínhamos entrado num qualquer sótão onde as velharias e as raridades se encontravam amontoadas e sem lugar próprio.

Imbuída do espírito do mosteiro, ao qual já parecia pertencer, vi brotar em mim a vontade de adquirir uma bíblia que estava nas mãos de um habitante da ilha, pronta para ser vendida. Todos os que moravam na ilha, eram monges, mas isso não justificava que desaparecesse o regateio ou que não fossem usados bons argumentos com base na antiguidade da bíblia e na sua transmissão, de mão em mão, pelos filhos homens. Havia tantos argumentos na boca do homem como dúvidas na minha mente. Eu olhava a bíblia, folheava-a e sentia a verdade do que ele me dizia a perder-se no meio dos muitos bonecos infantis desenhados com esferográfica entre as palavras e orações. As

minhas raízes ocidentais acabaram por me vestir condignamente de precaução e bom senso, instigaram-me a analisar o mercado, a ver as estatísticas e as cotações, a comparar fornecedores, enfim, a brilhar na complicação... Não a comprei, e mal sabia eu, que ao não a trazer comigo nesse dia iria sentir as mordidelas do espírito durante toda a estadia na Etiópia.

Deixámos para trás esse pedaço de terra e, de forma passageira, esse meu remordimento, e rumámos a duas novas ilhas, uma com um mosteiro só para mulheres, o Entos Yesus, e outra com um mosteiro só para homens, chamado Kibran Gabriel.

Depois de termos deixado os homens na sua ilha, e sem que fosse previamente combinado, todas nós, mulheres, olhámos para eles e acenámos de forma dramática tentando deixar no ar a dúvida subtil e perigosa sobre se iríamos regressar para os buscar ou não. O engraçado foi ver a expressão deles, enigmática e confusa, sem saberem se nos deviam acenar ou atirar-se à água para nos perseguirem e fugirem ao abandono.

Entre enormes e sonoras gargalhadas femininas, cheias de cumplicidade e que se deviam ouvir em ambas as ilhas, a que tínhamos deixado e aquela para onde nos dirigíamos, despimos a roupa mais quente e preparámo-nos para as subidas íngremes.

A vegetação era densa e aparatosa e os pássaros e os macacos disputavam a nossa atenção. Ao longo da subida encontrámos várias casas, cada uma com uma história própria para revelar, embora não fugissem aos elementos de sempre, o homem, a mulher, o paraíso, uma serpente escorregadia e uma amaldiçoada maçã. As bíblias eram extraordinárias e a caligrafia nas folhas velhas e amareladas deixava-me profundamente enamorada.

À saída da ilha, vimos pendurada parte da pele de uma cobra ali encontrada e que, segundo diziam, tinha um tamanho e umas características míticas.

Entre a realidade, a fantasia, o símbolo e a imaginação, cada uma levou o que quis e o que melhor lhe coube na mente e no coração.

Quando entrámos no barco para fazer a viagem de regresso e incluir o masculino, fomos recebidas por uma série de homens pespegados no cais, que não paravam de acenar e saltitar,

aliviados e divertidos com a visão e as vozes encantadoras das suas ninfas.

O mito e os ritos andavam a rondar-nos, e pecado também não levou muito tempo a descer sobre nós. A embarcação estava cheia de santos e pecadores dobrados pela gula, e era ela que nos fazia ajeitar o rumo da embarcação para a margem e nos fazia entreter com as conversas trocadas.

- Aqui na Etiópia, para se ser padre, é preciso contrair o matrimónio – dizia o Feka para o centro do barco enquanto nos arrancava um aaaah de espanto e de sentido. – É uma questão de coerência... como é que o padre pode falar sobre os casamentos, as dificuldades, a vida familiar, se não tiver essa experiência, se não souber como é?

Ficámos todos a filosofar sobre isso e quando a conversa se esgotou, mudei de assento e de perspetiva.

Ao meu lado estava a Dália, e a fluidez das palavras levou-nos rapidamente para a nossa vida profissional. Aos tropeções, feito no meu melhor inglês e emparelhado com um nível de mímica soberbo, fui desenrolando a conversa cheia de entusiasmo: o terreno da sombra que o terapeuta percorria, as dores, as crises e as ansiedades que levavam as pessoas às sessões e a necessidade do autoconhecimento e desenvolvimento constante do próprio terapeuta.

- Então... – olhou-me nos olhos, intrigada e fazendo um compasso de espera - E ainda assim, continuas a gostar de pessoas?

Soltávamos uma risada sem idioma nem fronteiras.

- Como não? Difícil é não amar... e cada vez gosto mais...

Existiria maior mistério do que esse? E haveria algo tão bonito como estar junto a uma pessoa que se permite despir das roupagens dos dias, que pousa a armadura e a espada à entrada da nossa sala, e que se apresenta ante de nós nua, vulnerável, inteira, com luz própria, humana?

A vontade de almoçar começava a agigantar-se e a moer-nos o corpo, e já nem as conversas, nem os pássaros nem os pequenos barcos de pescadores conseguiam ser distração suficiente.

Felizmente, o nosso apeadeiro e restaurante era mesmo à beira da água, perto do cais onde haveríamos de desembarcar.

As cadeiras de plástico brancas rodeavam as mesas quadradas colocadas em “L”, e todas elas estavam desniveladas e inclinadas em direção ao lago. Estávamos debaixo de uma árvore frondosa que largava flores e folhas como se fosse outono e que nos estendia um tapete em praticamente todo o lado, cadeiras, pratos, copos e cabeças. Era o ambiente de um piquenique, não só pelas características naturais, mas também pelo espírito e espontaneidade quase familiar que nos entrelaçava.

Toda aquela paisagem acentuava-nos o apetite, mas ao mesmo tempo, fazia-nos dar garfadas mais espaçadas porque apelava à contemplação, à dose certa de silêncio e de palavras, e também às ausências momentâneas quando fixávamos o olhar num qualquer ponto no horizonte e nos deixávamos estar aí de forma persistente. Depois abanávamos a cabeça em movimentos rápidos, para a direita e para a esquerda, como se estivéssemos a dizer que não, e piscávamos os olhos com força para podermos acordar do transe.

O Tony, nesse almoço, tinha deixado transparecer a sua curiosidade inquietante, própria de uma criança, havia-nos distribuído a sua bagagem cultural, levado a mergulhar na sua experiência de vida, longa e rica, e tinha-se tornado um companheiro de conversas que era, no mínimo, um luxo. Tinha viajado, morado e trabalhado em todos os continentes e colecionado mais de uma centena de carimbos de passaporte faltando-lhe apenas vinte países para dizer que conhecia todo o globo. Não contei, mas apesar da sua idade avançada, creio que tinha menos cabelos brancos do que viagens no corpo.

Iria vê-lo, durante esta nossa história comum, a encher as horas junto da sua máquina fotográfica, a caçar momentos e a caçar a arquitetura e, ao final do dia, em frente ao seu portátil vermelho, a dedicar-se a dar nome, lugar e detalhes a todas as imagens recolhidas.

Mas nesse almoço a vida não estava a ser tão generosa com ele quanto ele connosco. Tinha optado por pedir cordeiro, e quando recebeu o prato e começou a comer, reparámos que utilizava o maxilar para além da conta com níveis de perseverança épicos,

e intercalava-os com uma expressão particularmente intrigante e cómica.

Finalmente olhou para o prato e desabafou.

- A parte boa de isto estar tão queimado é que que tenho a certeza de que todos os micróbios foram incinerados.

Ainda estávamos de goela aberta a rir e um pombo, entre os muitos que estavam pousados num galho sobre a mesa, soltava uma larada em cima do chapéu do Tony. Com toda a calma do mundo, tirou o panamá bege da cabeça, olhou para o alcance do acontecimento e voltou a colocá-lo na cabeça.

- Melhor aqui do que na cerveja...

Pegou no copo e esvaziou-o em tragos seguidos, ao som da nossa gargalhada estridente que louvava aquele espírito incomum.

Com o estômago orientado e com um crescente sentimento de pertença voltámos à nossa carrinha e partimos em direção a Gondar. Tínhamos toda uma tarde de viagem pela frente e chegaríamos, se tudo corresse bem, mesmo antes de anoitecer. A verdade é que fazer uma viagem enfiada num assento pequeno, onde as pernas mal se esticam e o rabo ganha novos contornos, não deixa de ser uma grande oportunidade para descobrir mais sobre onde nos encontramos, e em última instância, quem somos.

No meio do nada, que era em quase todo o sítio na Etiópia, começaram a aparecer pequenos pontos amarelos na paisagem. Fechei um pouco as pálpebras como se estivesse a tentar focar e a ganhar visão ao longe e distingui as figuras de várias crianças dispostas em fila, como um carreiro de formigas, levavam bidões às costas para irem buscar água a um dos poucos pontos onde ela ainda existia. O tamanho daqueles recipientes contrastava com a figura franzina e era quase impossível pensar que aqueles corpos podiam suportar tanto peso, mas podiam.

A nossa marcha só abrandava com a presença das cabras, das vacas ou dos molhos de pessoas vestidas de cores garridas e com chapéus festivos, que se atiravam para a frente da carrinha, a dançar, a cantar, a gritar, e a agitar bordões com uma grande

energia. Naquela altura não sabia muito bem o que pensar sobre o que estava a acontecer, na verdade, nunca soube até ao final da viagem, porque embora o Feka nos explicasse que era só uma forma de pedir dinheiro, os meus devaneios situavam-me entre uma cerimónia alegre e uma manifestação pouco pacífica que iria acabar numa tragédia.

Pelas estradas tortuosas deparámo-nos com um acidente que envolvia um burro e uma carrinha com garrafas de coca-cola. Não foi por falta de humanidade, mas o que me veio primeiro à mente foi o pensamento sobre aquelas garrafas de coca-cola espalhadas pelo chão, no desperdício imenso que era, e no fim digno que lhes poderia dar naquela quente e seca jornada. Só depois, numa segunda instância, é que acabei por prender o olhar naquele pequeno animal estendido ali na berma. A sede que me apertava a garganta já me começava a toldar o raciocínio e as prioridades.

Dentro da carrinha, uns encostavam-se ao vidro e deixavam-se adormecer, outros, como eu, lutavam contra o sono como se daí dependesse a vida, e outros, continuavam em dissertações sobre o país, a evolução e diversas questões históricas. O Tony e o Gerard eram absolutamente geniais nos seus comentários, quase sobre-humanos, em qualidade e quantidade, fosse qual fosse o tópico a ser debatido: religião, filosofia, história, geografia, política, gastronomia, tudo. Eu, particularmente, com todo o respeito que tinha pela informação e pelo conhecimento teórico, não podia dizer que me entusiasmava muito ou durante muito tempo, a ouvir o desenrolar de dados e cronologias. Por isso mantive-me a espreitar pela janela, sentindo que assim acedia a uma maior e melhor visão do mundo ou, pelo menos, acedia à minha própria visão.

O vidro do meu lado tremia incessantemente, provocando-me dormência e comichão nos ouvidos sempre que eu encostava a cabeça, e por isso, acabei por descobrir um fiel e eficaz amigo para a tarefa de me manter desperta.

O Gerard, por vezes, ocupava também o papel de despertador grupal.

- Barbora! olha ali, tira fotos! – E a sua voz irrompia do banco da frente, atingindo todos e a filha que, curiosamente,

tinha abraçado o legado do pai e possuía um interesse inesgotável por tudo e um nível de conhecimentos que se desajustava completamente à sua idade e nos conseguia envergonhar a quase todos. Sempre que ouvia a voz imperial do pai, atuava como uma verdadeira adolescente enfasiada que tinha sido arrancada ao que de melhor havia no mundo, naquele caso, os seus livros no Kindle, e para não o contrariar fazia uma série de disparos da máquina, cruzados, para apanhar as paisagens do lado oposto, a partir do próprio assento, através do vidro da carrinha, e em andamento. Sairia dali um álbum dificilmente igualável.

Naquelas estradas, os dias faziam-se muito longos, anos de vida eram gastos com a intensidade e velocidade com que um fósforo se consome. Chegámos velhos e cansados ao destino.

Gondar, a última capital do império da Etiópia, recebeu-nos com uma noite quente, um céu limpo e estrelado e muitas aves de rapina a sobrevoarem-nos. O hotel, o Fasil Lodge, revelava-se profundamente acolhedor, espaçoso e com carácter. No átrio repousavam árvores imponentes e centenárias e uma esplanada que nos convidava à vigília e a mais um momento de partilha. Tínhamos passado toda a tarde em forma de 4, sentados, mas não hesitámos em sentar-nos de novo e aproveitar aquelas circunstâncias que eram um hino à noite, ao verão e à vida. Continuava a cheirar a incenso. E depois de petiscarmos qualquer coisa e de nos despedirmos uns dos outros, começava a cheirar também a bênção.



Era terça-feira, dia 27 de janeiro do mesmo ano, embora não parecesse.

Quando saí do hotel, a pé, circundando a muralha que no dia anterior, ao chegar, parecia ser realmente o único sítio seguro onde ficar, deparei-me com uma cidade renascida, mais leve e menos estranha.

À minha volta havia muito movimento, tuk-tuks, gado, carroças, algumas carrinhas e muita gente a deambular. O ritmo, apesar

de tudo, não deixava de ser lento, dilatado, flexível e ninguém se atropelava nem corria o risco de colisões.

As barbearias eram tantas como as pedras no caminho, havia muitos homens a engraxar sapatos, a lavar sapatos ou a poli-los. Nas bancas empilhavam-se bananas às manchas, demasiado maduras para os meus olhos, muitas garrafas de água, tambores, lenços e artefactos em madeira. As cabras berravam, as vacas, pachorrentas, detinham-se com aqueles olhos brandos e nostálgicos de quem vagueia entre o passado e o presente, as galinhas corriam esbaforidas e os burros e alguns cavalos puxavam as carroças, de forma artificial, penosa e trôpega, porque tinham as quatro patas atadas entre si, com uma corda, para não fugirem.

Um sem número de homens estava sentado diante de máquinas de costura, dentro da loja ou na rua junto à porta, alinhavando, cosendo, rematando, com uma notável agilidade e atenção. As mulheres, por outro lado, transportavam bidões de água, carregavam sacos pesados e içavam pás com cascalho para dentro da máquina de fazer cimento. Como era interessante ver a diferença de papéis e de lugares que o masculino e o feminino ali ocupavam.

Ao mesmo tempo, de forma tranquila e compenetrada, passava por mim um homem totalmente nu. Moreno e com penugem. E não é possível vestir mais a frase porque corro o risco de cobrir uma verdade que teve a coragem de se mostrar na sua própria pele.

Depois de assistir à versão etíope de “o rei vai nu”, dirigimo-nos para o “Fasilada Castle”, um complexo de quase 70.000 metros quadrados, que abrangia o castelo, o palácio, os banhos e os jardins. O palácio do Imperador Fasilada, desenhado por um arquiteto indiano, remontava aos tempos mais antigos e era dos mais imponentes. Nele, dizia o guia, conseguíamos encontrar influências indianas, portuguesas, mouriscas e aksumitas. Eu consegui encontrar mais coisas, como lagartos multicolores a espregitar e a equilibrar-se nos muros, uma senhora de pele torrada, com saia em tons turquesa, a agitar elegantemente uma vassoura no piso de terra numa das entradas. Estava uma verdadeira manhã, inundada de uma luz radiante e renovadora

que nos convida a sair de nós mesmos e havia um silêncio convidativo que tornava a história palpável, real e viva. Como éramos os únicos visitantes, pudemos ver, percorrer e até ouvir as pedras falar. Fomos ao lugar onde dormia o imperador, ao salão das refeições, à antiga sauna, ao espaço de luta livre, às jaulas onde guardavam os leões, símbolo de poder do rei, aos pontos de observação circulares e à ponte dos chapéus, assim designada porque todos o tiravam quando o rei passava. O Feka inteirounos também da forma nobre e transparente com que todos tinham chegado ao poder, durante cinco linhagens sucessivas. Simplesmente, tinham-se matado uns aos outros. Uma equação simples e eficaz.

Caminhámos pelas ruas da cidade sob um sol escaldante. Nada me deixava tão feliz quanto a decisão de ter calçado sandálias nesse dia e de poder ter os pés a respirar. Cada vez que sentia os dedos a tocarem um nos outros, como se estivessem a acarinharse e a guiar-me o caminho, lembrava-me da simplicidade e da facilidade com que podia sentir-me e reconhecer-me como feliz.

Enquanto olhava para baixo e quase os conseguia ver a sorrir, cruzámos um umbral e entrámos numa espécie de tanque que tinha uma ilhota no meio onde se erguia uma construção toda em pedra bege, só avivada pelas portas grená e por duas pequenas varandas decadentes que a ladeavam. Havia também uma ponte que permitia atravessar as águas e entrar nesse espaço estranhamente poético. A água, esverdeada pelo tempo, só existia na parte mais funda e distante da entrada, e atingia apenas metade da altura dos pilares centrais.

Rondámos o enorme tanque e fomos aproveitando a sombra que as árvores anciãs e retorcidas nos iam propiciando. Tinham raízes altas, entrançadas e sobrepostas que faziam lembrar as que colonizam as fotos do templo de Angkor Wat, no Camboja.

Apesar de ali terem uma dimensão mais comedida, não deixavam de parecer uma espécie de tentáculos a engolir o templo, o tempo e as memórias. Quando chegámos ao final do tanque sentámo-nos numa linha de pedra que era como um banco caridoso para os viajantes desesperados, para nós.

Acalentados pela sombra, conseguimos criar condições para ouvir o que aquele lugar puro tinha para nos contar, através da voz do guia.

No dia 19 de janeiro, ou no calendário local, no dia 11 do mês de Terr, celebra-se o Timket, a festa etíope do batismo do Senhor. Os fiéis começam a preparar-se desde a tarde do dia 18, quer em termos espirituais quer em termos materiais, vestindo as suas melhores roupas, compondo as suas melhores danças, os seus melhores cantos e a sua melhor versão de louvor a Deus. É nesse ambiente de celebração e exuberância, acompanhados pelos sacerdotes, que rumam até aos tanques batismais ou até às tendas que se encontram junto a um curso de água ou lago. A noite é passada ao relento, aquecida pelo ressoar dos tambores, pelos salmos e hinos, lançados ao ar em guez, a língua mais antiga da Etiópia, e acompanhados de danças que afastam o sono, o cansaço, as baixas temperaturas e as culpas e penas.

Naquele momento, tal como podíamos ver, a água do tanque apenas alcançava o nível do tornozelo, mas no dia da “Epifania”, o rio enchia o recinto.

Os sacerdotes, no meio da multidão, providos com os seus turbantes e cajados litúrgicos e um coração pacificamente exaltado, fazem os sermões ao nascer do Sol, benzem as águas e aspergem a multidão. Mas nós sabemos como é o ser humano... se se pode saltar para dentro de uma piscina com água benta porquê ficar-se apenas com salpicos? E, no tanque onde nos encontrávamos, era isso precisamente que acontecia.

O Timket é também um festival onde se comemora o amor. A perseguição à Alma Gémea torna-se real e, acredito eu, que juntamente com o aprumar da fatiota vêm também as orações aos céus para que tropecem no destino. Ali a expressão “Se a vida te der limões...”, ganhava toda uma nova perspectiva porque o limão é o símbolo do Amor na Etiópia. No dia dos namorados não se oferecem flores, mas sim, limões. E naquela celebração de Janeiro, enquanto o corpo se agita em palmas e danças, os homens atiram limões, suavemente, espera-se, ao objeto do seu ardente amor. Se a mulher agarrar o limão, o encostar às maçãs do rosto e o cheirar, isso quer dizer que vão ter a sua dança. Se, pelo contrário, o deitar para o chão, então, juntamente com esse limão caem as esperanças e ilusões de um coração partido.

Vibre e detive-me naquela diferença abismal que os significados das coisas podem ter. Um limão para mim era só

algo amarelo, amargo, intragável, que envelhecia os rostos com as rugas e cuja acidez poderia limpar muita coisa. Na melhor das hipóteses, se tivesse que fazer algo com ele que não estivesse findado ao espaço da cozinha, seria atirá-lo com força a alguém de quem não gostasse. Mas ali, representava o amor.... Afinal o amor podia não ser vermelho como o sangue ou o coração, ou rosa como as rosas, podia ser amarelo, como os limões, ou o Sol, ou as estrelas...

Já me tinha apercebido de que as melhores coisas surgiam envoltas em auras de areia e pó, e quase sempre, em descampados. O restaurante “Quatro irmãs” não fugia à regra e merecia entrar nesta história, não só pelo facto de termos sido orientados para lá através do som berrante de uma trombeta, que repousava nas mãos de um homem vestido de roxo, como pela experiência sensorial que me iria marcar e surpreender.

Como estava organizado em modo buffet, pude escolher o menos picante, o menos vegetariano e o menos indigesto na aparência. Isso levou-me a agarrar uns maravilhosos pastéis que pareciam ser de bacalhau, mas que eram de banana frita, fruta essa que não suporto e que me causa agonias desde que tenho memória. No entanto, talvez pela abertura própria das férias ou por um qualquer segredo da fritura, que não convém tentar desvendar, os pastéis souberam-me bem. Outra coisa de que não gosto, é de bebidas alcoólicas, mas nesse dia, deram-nos a experimentar o “honey wine” e eu não aguentava a sensação de não ficar a saber a que é que aquilo sabia, por isso, peguei delicadamente no copo pequeno e inocente, que mais parecia um dedal para o dedo grande do pé, e virei-o para a minha goela, conhecendo de imediato o sistema digestivo e todo o circuito que o líquido percorrera, de forma ardente, desde a faringe até ao estômago. Faltava-me apenas provar mais uma coisa que detestava, café, mas como o dia estava bom para as novas oportunidades, aproveitei as brasas que me tinham ficado no corpo com o álcool, e lancei-me à descoberta dos afamados grãos etíopes.

A curiosidade, no entanto, já vinha de trás, tinha nascido e crescido muito antes da partida para a viagem, ao ler sobre a origem do café e a lenda de Kaldi.

“Segundo a lenda, há muito tempo, um jovem pastor chamado Kaldi, tomava conta do seu rebanho de cabras numa montanha árida e ressequida na Abissínia, hoje Etiópia - onde somente algumas pobres moitas esqueléticas conseguiam incrustar as suas raízes nas rochas -, e observou que, durante a noite, alguns dos seus animais desapareciam atrás da montanha durante algumas horas, e voltavam saltitantes. Kaldi ficou irrequieto, pois estava convencido de que as suas cabras estavam possuídas pelo diabo. Uma noite, ele seguiu os seus animais e viu-os a pastar com um notável prazer pelos pequenos grãos vermelhos que se encontravam sob um arbusto que nunca tinha visto. Ao final de alguns minutos desta refeição imprevista, as cabras e o “velho bode” começaram a dançar à luz da lua.

Kaldi recolheu alguns grãos e comeu-os com tanto prazer, que ficou na sua boca uma agradável sensação de frescor. O resultado foi inesperado: assim como as cabras, Kaldi começou a dançar. Nunca houve na Terra um pastor tão alegre. Kaldi comentou com um monge da região sobre os frutos e ele decidiu experimentá-los. O monge apanhou um pouco das frutas e levou-as consigo até ao mosteiro. Começou a utilizá-los na forma de infusão, e apercebeu-se que a bebida o ajudava a resistir ao sono enquanto orava ou nas suas longas horas de leitura do breviário. Esta descoberta espalhou-se rapidamente entre os mosteiros, criando uma demanda pela bebida.”

As minhas intenções estavam bem definidas e passavam por perceber se ao prová-lo iria dançar à lua, tornar-me saltitante, esbanjar alegria ou dar ares de quem estava possuída pelo diabo.

Olhei pausadamente para a chávena cheia e para o meu próprio reflexo no café. “Quem sabe ficarei a conseguir ler as borras no final e adivinhar o futuro.” O cheiro forte ascendia juntamente com o fumo quente e fazia-me entender porque é que as cabras eram atraídas para trás da montanha. Aproximei a chávena da boca, antecipando o coice, e sem o evitar, estremeci de cima a baixo. Para o seguinte ser mais manso, coloquei-lhe duas colheres de açúcar, e fiz a colher girar, mais de vinte voltas,

como se estivesse a preparar uma poção no caldeirão. Rodei a chávena, voltei a olhar de frente para o café, vi um espelho da minha cara a distorcer-se e a aproximar-se e voltei a tragá-lo. Cheirei, bebi, olhei, baixei, voltei a rodar a chávena, e permaneci ali. Não sei quanto tempo demorei naquele rito, mas tinha sido o suficiente para me autoproclamar uma iniciante nos prazeres do café e para ter todos a olharem para mim, como se estivessem a ver alguém a entregar-se a uma dança com Eros, o Deus do amor e do erotismo. Portanto, confirmavam-se os efeitos secundários, todos eles e mais uns quantos que as cabras não souberam explicar, e eu podia começar a aparecer como fonte segura da qualidade do café na wikipédia.

A leitura das borras no final revelou-se muito clara na mensagem... o meu futuro nessa tarde iria ser eletrizante.

Eu não sabia se tinha sido dessa bebida, do efeito do presságio ou da insolação, mas passado pouco tempo eu estava a fugir de um boi no adro da igreja de Debre Birhan Selassie. Falemos de medos... tenho medo de um animal, o touro, mas o boi também serve. Não sofro com as cobras, os répteis, os ratos, as baratas, os tubarões, ou todos aqueles animais que mais comumente povoam os pântanos da mente. Nos meus maiores pesadelos, ele aparece, brutalmente negro e robusto, persegue-me como se fosse uma missão, tenta matar-me a mim ou a quem amo, reveste-se de contornos mágicos, consegue subir a árvores, consegue até falar e expressar-me com convicção que não tenho escapatória, que vou ser apanhada e ferida. Embora a recorrência tenha diminuído com o passar dos anos, esta figura foi responsável por demasiados suores noturnos, demasiadas respirações ofegantes e demasiada paralisia.

O facto de nessa tarde estarmos os dois a correr na mesma direção, não podia por isso ficar nas margens da minha história na Etiópia. Eu tinha-o visto quando entrámos no recinto, mas não tinha percebido que se tinham misturado os suores do medo e do ar abafado.

Optara por ignorá-lo, ainda que o fosse mirando pelo canto do olho, e tentava focar a minha atenção naquelas imagens bíblicas, que inundavam as paredes e o teto. Era precisamente aí, na cobertura, que podíamos admirar pinturas de anjos, olhando nas

quatro direções, e que nos procuravam transmitir que, onde quer que fossemos e estivéssemos, eles sempre nos estariam a ver, guiar e proteger. E eu sentia que, naquele momento, não podiam estar pintados em nenhum lugar melhor.

Assim que acabámos de percorrer a Igreja fui até ao átrio, num misto de inquietude e curiosidade, e fiquei a observar o animal, que até se encontrava com um ar plácido a descansar à sombra. Uma pequena corda parecia estar a prendê-lo à árvore e resolvi aproximar-me, sem nenhum motivo inteligente aparente, enquanto ia fazendo cálculos sobre o tamanho da corda e até onde poderia ir. Se estivesse devidamente atenta teria percebido que aquele frenético agitar dos chifres não anunciava nada de bom e que iria anteceder um arranque sem precedentes, de ambos, e envolver-nos numa nuvem de poeira intensa.

Sem graça, porque tinha o coração a galopar dentro de mim mesmo depois de já ter parado de correr há muito, voltei para junto do grupo e tentei ouvir com atenção o resto da partilha que o guia, de forma apaixonante, nos ia proporcionando. Quando recuperei o sentido da escuta, inteirei-me que as três cores da bandeira da Etiópia, que por acaso estavam colocadas numa tarja em redor da igreja, representavam a santíssima Trindade. Também se dizia que o verde significava a fertilidade, o amarelo significava a tolerância e o vermelho significava o sangue derramado até chegarem à independência.

O amarelo era por isso a cor com que os padres, os monges e as figuras religiosas se vestiam.

- Muçulmanos e cristãos, na Etiópia, e ao contrário de outros países, dão-se todos bem. Existe essa tolerância.

Parou com um solavanco, como se se tivesse dado conta de que faltava afinar a frase e, depois de refletir, reformulou.

- Na verdade, não se pode falar em tolerância. Não se toleram uns aos outros, simplesmente, amam-se.

Algo contado assim não deveria ser esquecido.

Naquele lado do mundo, a noite chegava sempre de mansinho e convidava-nos a permanecer. Ela e o Feka, que nesse momento, tinha outros planos em mente para ele e para nós, extraprograma, e que passavam por levar-nos a adentrar no mundo da diversão noturna dos etíopes.

Quando chegámos ao local da moda, deparámo-nos com um homem e uma mulher à porta, prontos para nos revistar. A única coisa que conseguia ver através do espaço entre as cabeças deles, era uma escada íngreme para a cave, com luzes baixas e em tons de vermelho macilento. Cerca de quatro homens, sentados ao redor de uma mesa e das bebidas, pareciam estar numa dimensão à parte e mantinham-se no seu círculo íntimo sem distrações. Sinceramente, quanto mais olhava para os pormenores daquele cenário mais me convencia de que quem os devia estar a revistar antes de entrar, era eu...

Descemos as escadas estreitas, cortámos a sala diminuta da entrada e do bar, e fomos até uma sala mais espaçosa, cheia de lugares vazios devido à meninice da hora. Bancos de corda e de madeira escura maciça esperavam por umas nádegas que ali descansassem e lhes aquecessem a noite. Os quadros com pastores, mulheres a servir café, mulheres a transportar água e guerreiros etíopes, pendiam de paredes e traves e pareciam todos feitos pela paleta do mesmo artista. O vermelho estendia-se pela carpete e pelo palco, naquela altura apenas ocupado por um órgão, umas colunas gigantes, um microfone encostado à parede e uma ventoinha com as hélices paradas.

À medida que o tempo passava, a sala ia-se enchendo, primeiro mais perto do palco, depois os lugares à nossa frente e, por fim, a sala da entrada. Os nossos lugares estavam debaixo de umas lâmpadas azuis e amarelas que iluminavam o suficiente para que nos apercebêssemos que éramos insistentemente observados e uma boa matéria para comentários e risos.

Impressionada pelos contos da manhã, havia em mim um estado de alerta que me colocava num cenário onde voavam limões pela sala, um deles vinha na minha direção e eu seria obrigada a dançar. Isso, para muitas pessoas, seria apenas um bom momento para soltar o corpo, deixar-se levar pelo ritmo e viver a emoção de encontrar a Alma na pista de dança, mas para mim, era mais ou menos como pisar areias movediças e deixar-se ser devorado por elas. Medo ou vergonha, neste caso, eram faces da mesma moeda, a da exposição. E era-me tão cara...

Os olhos postos em mim não eram mais do que setas envenenadas que espalhavam um ardor forte e progressivo pelo

corpo... Numa situação de exposição eu sentia-me ativada, alerta, a tocar o desespero de quem acabou de ser condenada a uma morte em câmara lenta.

Para afastar os fantasmas, premonições e intuições que me assolavam, partilhei a minha visão aterradora com a Merlind, e acabei por descobrir que sofríamos do mesmo mal. Enquanto nos ríamos nervosamente elaborámos uma estratégia simples, mas potencialmente eficaz, que consistia em bloquear o acesso a nós mesmas criando uma barreira de bancos e mesinhas de apoio que, vista de longe, parecia apenas inocente e caótica.

Entretanto, do lado direito do palco, a animação aparecia por detrás de uma porta demasiado pequena para a ombreira, que descaía e se abria constantemente e que nos mostrava os cantores e dançarinos a vestirem-se, a despirem-se, a voltarem a vestir-se e a repousarem.

As estrelas masculinas pareciam ser feitas à imagem e semelhança de Don Juan e caminhavam com um passo arrastado, felino e com uma boa dose de autoestima.

Subiram ao palco um rapaz que tocava masenqo, uma espécie de alaúde curvado com uma única corda, característico da Etiópia, e o responsável pelo teste de som, que se revelou bastante útil, já que o som estava inequivocamente alto e assim permaneceu. Afinaram-se até à entrada do cantor e do entoar entusiasmado do repertório que o tinha levado ali. Seguiram-se outros cantores e foi apoteótica a entrada de um jovem rapaz que, para mim, ganhou o prémio da noite pelo ritmo e interpretação musicais. Quatro homens começaram então os seus movimentos de dança e o público acompanhou-os como podia, sentados, de pé, sozinhos, aos pares ou em grupos. Aquela dança poderia bem explicar porque é que os etíopes não sofrem de obesidade. A base era a agitação de ombros, em todas as direções. Depois, o tronco e os braços, em movimentos bruscos, mecânicos e só possíveis para quem não possuía costelas. E as pernas, num acompanhamento ritmado da batida, sem movimento nenhum em especial, até parecer que estavam a andar de bicicleta e a chutar o ar com violência, enquanto os braços remavam para trás. Numa versão breve, parecia que tinham colocado os dedos nas tomadas e estavam a sofrer as consequências. Nas mulheres, a

exigência não estava nas pernas, mas nos movimentos da cabeça. Esses tinham que acompanhar todos os outros movimentos coordenadamente descoordenados, e o cabelo era lançado em bloco de um lado para o outro, em círculos ininterruptos, como se fossem roqueiras da pesada.

Todo o espetáculo foi em crescendo e o entusiasmo estalava no palco e fora dele. O público respondia com paixão ao incentivo constante dos dançarinos, que desciam do palco para dançar com os presentes, ritmando as palmas, afinando os cânticos, e deixando-se apoderar pelos ritmos, fazendo do corpo um seguidor fervoroso da Alma. Os bancos que tínhamos colocado diante de nós, já intuía eu, não serviram para nada e foram uma ténue linha a separar-nos das mãos e braços esticados na nossa direção e dos olhares persistentes. Surpreendentemente, e apesar da minha timidez atroz, deixei-me sentir o ritmo que invadia o palco e, de forma muito distraída, comecei a imitar, como fazem as crianças, esse agitar de ombros, algo que me valeu bastantes elogios pela performance, tendo em conta que não era natural daquelas paragens. Mas aquilo que já parecia uma espécie de voodoo das bagas vermelhas africanas, lançado após a leitura das borras na chávena, não me iria deixar ficar por ali, à margem do eletrizante, e por isso, atou-me um laço à volta da garganta e fez-me ser convidada para o abanar de ossos pelo motorista, um amigo do guia, um dançarino do palco, e tudo o que mexia. Levantei-me do banco, não sem antes negar 3 vezes como Judas, e fiz o melhor que podia, entre risos nervosos, e uma maquilhagem de que até estava a gostar daquilo. Não era verdade.

Depois dessa noite, todos os dias, pela manhã e pelo lusco fusco, era com esse vigoroso agitar de ombros que nos desempoeirávamos e garantíamos risadas soltas e cúmplices.

Saímos de lá sem nos ouvirmos mais uns aos outros e ao mundo. As colunas de som tinham-nos provocado uma surdez momentânea, feita de estalos secos nos ouvidos, ecos internos e um apito constante, e que só viria a prescrever com o despertar no dia seguinte.

SIMIEN MOUNTAINS

O dia tinha nascido com um sabor a canela, quente, envolvente, picante, e eu encontrava-me cheia de sensações ímpares, próprias de quem estava num lugar desconhecido, sentada descontraidamente a tomar o pequeno-almoço numas cadeiras e mesinhas verdes de ferro enquanto vagabundeava mentalmente, antevendo, cobiçando, fantasiando e cheirando os próximos passos.

Sabíamos que algo grandioso nos estava reservado, não era um mistério e estava no programa. Íamos em direção às “simien mountains” ou, como eu preferia dizer, à “montanha dos macacos maus”, não porque tivesse alguma coisa contra os macacos, mas os ares ressabiados, os dentes afiados e as bocas abertas até ao umbigo que eu tinha encontrado em fotografias na internet, davam um caráter quase científico à minha designação.

Faltavam-nos percorrer 100km de viagem até às montanhas o que, traduzido em tempo, correspondia mais ou menos a três horas e meia.

Antes de entrarmos no Simien Mountains National Park, declarado património mundial pela UNESCO, passámos por um grande mercado onde centenas de pessoas concentradas, junto dos seus burros, vacas e cavalos, voltavam a negociar entre si sem que eu conseguisse identificar qualquer sinal que remetesse para uma acesa transação.

Os homens estavam junto do gado, empurravam ou puxavam com força os teimosos animais, ou então estavam parados apoiados nos seus cajados, olhavam-se e olhavam-nos. Os turbantes coloridos e axadrezados, as mantas volumosas enroladas no pescoço, as calças da cor da terra ou calças de fato treino humanizavam a aridez.

As mulheres estavam mais perto das especiarias, sentadas e com bebês ao colo, ou de cócoras sobre as lonas estendidas e remexendo nos condimentos secos, de um lado para o outro.

As crianças andavam aos molhos, entretinham-se com tudo, acartavam alguidares, davam palmadas nos bovinos e, claro, perseguiam os viajantes, entre risos, toques curiosos e pedidos de fotos.

Aquele mercado invadia a rua, era a rua. Não se sabia onde começava nem onde acabava, não tinha limites, era um mundo, mundo esse que nos fez voltar à carrinha indefinidos, gastos e numa sobrecarga de sentidos.

Antes de chegarmos ao Lodge ao final da tarde, completamente amassados, parámos em Debarck para fazer o nosso registo e obter autorização para entrar nas montanhas. Devíamos também ter parado antes do almoço, antes de descobrir que o esparguete não sabia a esparguete e que havia coca-cola que não sabia a coca-cola, ainda que a garrafa tivesse a forma típica e autocolantes verdadeiros. Preferia não saber a estória das garrafas porque, em casos específicos, achava que a ignorância consciente era uma chave para a felicidade.

Fomos recebidos por centenas de macacos, sem exagero, espalhados pelas encostas, nas margens da estrada e na própria entrada no “Simien Lodge”. Era uma imagem incomum, grandiosa e muito retemperadora.

Em placas suspensas, feitas de madeira, umas letras gravadas a ferro e fogo informavam-nos que tínhamos acabado de entrar no Lodge mais elevado de África, concretamente, a 3200 metros de altitude.

O Lodge era composto por cabanas circulares de pedra, cobertas por um cone firme e compacto de palha seca, que se subdividiam, cada uma delas em dois quartos. O meu, o 2B situava-se precisamente no topo do topo do Lodge, o que levou a perceber rapidamente que os problemas da altitude eram muito palpáveis no corpo. O camareiro do hotel subia os degraus de pedra como se andasse num caminho a direito, levava a minha mala pesada à cabeça, e eu, que levava apenas uma mochila pequena ao peito, tinha que dar um passo ou dois e depois parar. Ele ia olhando para trás e suspendendo o passo, esperando pacientemente, como se já estivesse habituado àqueles filmes, e eu ia olhando para a frente, para ele, inspirando-me e desesperando-me, pedindo para que o coração não me saltasse pela boca e que os pulmões não bloqueassem. Quando finalmente lá cheguei e me virei para o horizonte, algo muito profundo em mim se acalentou. Como é que poderia guardar aquela memória por inteiro, como é que poderia guardar a

memória de coisas tão maiores do que eu naquele minúsculo metro e sessenta de carne e ossos? Aquela linha do horizonte não traçava nenhum limite, tirava-me, todos.

Lá dentro havia duas camas, com colchões altos e cobertas brancas, que transmitiam um nível de conforto invejável. O teto era quadriculado, reunindo conjuntos iguais de canas envernizadas que combinavam na perfeição com a cabeceira da cama em losangos de vime entrelaçado. A parede era circular, uma meia lua, as janelas desciam inteiras desde o teto até ao chão e estavam cobertas por cortinas de linho branco, que deixavam entrar a luminosidade certa no quarto. O resto tinha o calor próprio da madeira, as mesas de cabeceira, as cadeiras, as tábuas de suporte para arrumação, o soalho... era uma mistura ganhadora de simplicidade e requinte.

Mais uma vez, era tempo de assentar, de abrir malas, de organizá-las a pensar no dia seguinte e no trekking de duas horas que ainda iríamos realizar nesse final de tarde e que me iria proporcionar momentos verdadeiramente sublimes e atemporais.

Os caminhos não eram os mesmos, mas continuavam a parecer feitos para outra coisa que não o caminhar. Pedras e pedregulhos, debaixo dos nossos pés, em socalcos, desfasados, iam-nos pedindo uma ginástica e um equilíbrio surreais e comondo o som de fundo, feito de derrapagens dos sapatos na terra. Descer, apesar de ser uma lição de anatomia que nos relembra com detalhe onde se situavam os joelhos e de que é que eram feitos, não igualava em nada, o desespero de qualquer mínima subida, pedregosa ou não pedregosa. O queixume dos pulmões minava-me o pensamento e abria frestas para um terror associado à ideia de realizar um dia inteiro de trekking, tal como estava previsto no dia que se seguiria.

Volvidos infindáveis minutos, contornámos uma parede de rocha e o meu espírito abriu-se juntamente com uma clareira onde se encontravam centenas de macacos a escavar a terra sem parar, em busca de raízes e alimento, e levantando pequenas nuvens de poeira ao seu redor. Pontualmente, alguns envolviam-se em lutas rápidas e sonoras e quebravam a serenidade maciça de todo aquele cenário.

- Não façam barulho. Caminhem devagar. – sussurrou-nos o Feka.

Cada um de nós reduziu o ritmo e o volume da excitação e palmilhou o terreno em busca do seu ponto de observação. Sentámo-nos, aquietámo-nos e permanecemos, ainda que com os músculos hirtos e a respiração silenciosa e limitada a um fiozinho de ar que subia e ascendia com o objetivo de não interferir.

- Aproximem-se mais deles. Se eles olharem para vocês baixem logo a cabeça, não os olhem nos olhos e mantenham uma atitude submissa. Dê por onde der, não os olhem nos olhos. – Repetiu com seriedade enquanto nos incentivava a embrenhamo-nos ainda mais na experiência.

Diante de nós estava o *Gelada Baboon*, uma espécie de babuíno existente apenas naquelas montanhas centrais da Etiópia e que também era designado de macaco-de-coração-em-sangue devido à mancha avermelhada que tinha na região do coração.

Uma luz dourada e morna de entardecer ia engrandecendo tudo e tornando fácil a tarefa de compreender, com todas as células do corpo, aquilo que deveriam sentir as pessoas que trabalhavam para a National Geographic ou que se dedicavam a estudar os animais no seu habitat natural. O nível de beleza era tanto, que me chegava a doer. Estava submersa numa metamorfose natural que me iria tornar no final uma espécie de pessoa-de-coração-em-sangue.

No regresso fomos atingidos por um cansaço monstruoso, do tamanho daquilo que tínhamos recebido da Natureza, e que reduziu a nossa capacidade de agir apenas para duas tarefas, mudar de roupa e jantar.

Ao descer a estrada que ligava o quarto à entrada do Lodge, levei uma estalada térmica que me enregelou em segundos. O vento cortava com a precisão de uma lâmina fina de samurai e ignorou por completo o polar que tinha vestido por cima da t-shirt.

Quando abri as portas de madeira do restaurante, onde todos os hóspedes se encontravam, deparei-me com uma enorme

lareira de pedra, circular, com um cone em bronze que subia até ao teto, e que estava cheia de troncos delgados a arder forte e docemente. O ambiente era quente, hipnotizante, reservado, e os sons baixos misturavam-se e faziam sobressair a voz da intimidade. Sabia que não existiam muitos lugares assim, ou momentos assim, em que se sentia que o máximo daquilo que se podia alcançar numa vida estava ali, diante de nós e dentro de nós, e que apesar de não nos pertencer tornava-se nosso até aos ossos.

Aquelas circunstâncias raras, cheiravam a destino. E o cheiro a destino tanto podia ser o cheiro da lenha a arder como o da relva acabada de cortar, do pão quente pela manhã ou da terra molhada, dos livros ou da maresia, da saudade ou da intuição, do cheiro de quem amamos entranhado na roupa que vestem ou, depois de ter pisado a Etiópia, do cheiro das cabras ou do incenso.

Depois de me sentir gasta, tal como alguns dos toros desfeitos em brasas na lareira, voltei a subir para a última fileira de cabanas, onde me esperava o embalo, e fitei o céu. Era um manto azul negro, nítido, estrelado e com uma série de constelações desenhadas. Mas disso, apenas queria partilhar o mais significativo.... Olhei para o céu. E isso bastava-me.



A azáfama com os preparos da saída para o hiking nas montanhas tinha começado cedo e coroava uma noite magnífica, numa cama confortável e bastante diferente daquelas onde tinha dormido até aquele momento e que mais pareciam ter a consistência da pedra. Aos objetos colocados dentro da mochila tinha juntado uma boa dose de preocupação porque apesar de estar a tomar os comprimidos para a altitude, aquela subida de meia dúzia de degraus dentro do lodge, fazia-me acreditar que aquela aventura poderia vir a tornar-se um verdadeiro fado e choradinho.

Metemo-nos na carrinha em direção ao ponto de partida, o acampamento Sankaber, mas sem o jovem Edmund, que tinha sido atingido por uma forte indisposição, tonturas e vómitos, e

colapsado. Para não definharmos em número, a vida colocou-nos no caminho três etíopes armados, cujo papel seria proteger-nos, embora desconhecêssemos ao certo qual a ameaça que nos poderia abalar. Eram figuras esguias, muito esguias, que vestiam roupas escuras vários tamanhos acima daquilo que o seu corpo pedia. Apesar do calor seco e doloroso, usavam uns blusões pesados, coçados, com capuz, umas calças tons de terra e umas sandálias que deixavam ver as meias cinzentas a proteger os pés. Uma das armas parecia quase a que o meu avô Jaime guardava no sótão. Era centenária, cansada e, acho eu, deveria ter tendência para encravar. As outras duas, já metalizadas, já escovadas, com capacidade para fazer muita coisa ao mesmo tempo, pareciam mais reais. De qualquer forma, não houvesse dúvidas, todas eram envergadas com profundo orgulho e vaidade e, às mãos ou aos ombros daquelas pessoas, elas encontravam uma razão para a sua existência.

Em fila indiana, mais ou menos articulada, e por cenários majestosos em tons de castanho e algumas manchas verdes, experimentámos subidas íngremes, descidas íngremes, respirações ofegantes, paragens constantes, dores nas articulações e uma sede constante. Era fácil perceber porque se chamavam àqueles picos montanhosos, o “Teto de África”.

Os pássaros, os corvos e os falcões foram-me distraíndo com voos rasantes, picados e dançados e um *Walia Ibex*, uma espécie de cabra montanhesa em vias de extinção, foi-se mostrando envergonhadamente entre arbustos, exigindo-nos uma espera furtiva e paciente.

Três horas e meia depois, sentada nuns tufos de palha seca que não se vergavam e me picavam o rabo e as costas, almocei dois ovos cozidos, frutos secos, uma banana das mais pisadas que já tinha visto, e duas dentadas de sandes de queijo que não me passaram facilmente na garganta. Aquela banana era a coisa mais parecida comigo... pisada, amolecida e muito aquém da beleza original. No decorrer dessa manhã, juntamente com os litros de água, fui tomando umas gotas de concentrado de guaraná que, segundo dizia na etiqueta, repunha a energia e elevava o ânimo. Essa parte do ânimo não podia garantir que estivesse escrita, mas queria muito que sim.

Até esse momento eu já me tinha arrependido vinte vezes por ter integrado aquela atividade, e vinte e uma vezes abençoado a minha escolha. Estava ali sentada no chão, sob palhas fortes que pareciam um zafú², debaixo de uma sombra de árvore que valia ouro, a contemplar silenciosamente o berço da humanidade, e a sentir níveis de profundidade, quietude e plenitude, difíceis de descrever. Mesmo as vozes dos outros companheiros, que se cruzavam animadamente, eram parte daquele silêncio.

A restante caminhada iria levar-nos até às Jinbar waterfalls que, naquela época seca, não passavam de um fio de água a cair por 500 metros e que deixava uma faixa escura na rocha. Ficámos de frente para esse abismo e ainda que não conseguíssemos acompanhar visualmente todo o percurso até ao final conseguimos ouvir a força em estado líquido e até sentir o fresco da água.

Até ao ponto onde a carrinha nos ia recolher faltavam-nos ainda duas horas de caminhada. Para poder aguentá-las, fui ouvindo o compasso melódico dos passos, repetindo-o de forma obsessiva, para não me perder com mais nada, ainda que, em momentos extremos, não parasse de dar pontapés com a biqueira do sapato em pedras, raízes e coisas que nem sequer estavam no meu caminho.

Tinha sido muito bom percorrer aquele caminho, mas tinha sido ainda melhor regressar.

Os meus poucos pensamentos, já sentada no banco da carrinha, e com os pés a latejar, não se afastavam muito de pedidos e súplicas por um banho quente, e em parte consegui-o. Um banho quente, um frio, um a esaldar, este era o modo intermitente do meu chuveiro, que com o tempo quase consegui prever e controlar, porque na maioria das vezes havia um barulho no cano antes de mudar a temperatura, na maioria das vezes...

2. *Almofada de meditação*



No dia 30 de Janeiro, estava de regresso a Gondar, antes de partir para Lalibela e, apesar de terem passado apenas sete dias desde que havia colocado os pés no aeroporto de Addis Ababa, sentia-me como se já tivesse percorrido mil milhas e colecionado outras tantas vidas.

Talvez as árvores, pessoas e coisas que eu via no caminho, e às quais tinha tendência de atribuir palavras como milenar, ancião, remoto, me estivessem a enganar na antiguidade e tivessem passado pelo mesmo processo do que eu. Ali conseguíamos enganar o tempo... ou era ele que nos enganava?

O caminho era feito pela mesma estrada e a única coisa que tinha mudado era o facto de, mesmo sem ter mudado de lugar, ir agora a ver a paisagem do lado esquerdo em vez do direito. O barulho monocórdico do motor, as conversas perdidas e entrecortadas, o vidro sempre a bater e a chiar como uma dezena de pardais pequenos e o sol quente que tornava os bancos um poço de conforto, foram o suficiente para me deixar adormecer, algo que considerava o pecado capital das viagens.

Antes de chegarmos ao destino, saímos da carrinha e fomos regar uns tufos e desenferujar as pernas. O vazio, dentro e fora, era gigante e só não era total porque nós existíamos e uma azinheira majestosa, com poderes mágicos, fez sair de trás de si uma série de crianças que mais pareciam as suas bolotas. Debaixo daquela sombra cabia toda a humanidade.

O rito do café era muito apreciado por todos, mas na Etiópia, era acima de tudo uma âncora para não nos fazer desaparecer naquele mar de areia. Foi no “Ploughshare Women’s Crafts Training Centre”, um lugar onde as mulheres recebiam formação e realizavam trabalhos de tapeçaria, olaria, e outras artes, para poderem assegurar os recursos necessários à sua independência que provámos uma mistura improvável, mas ganhadora, café e pipocas.

Encontrava-me numa tenda onde uma mulher queimava diante de nós os grãos de café e nos dava a cheirar enquanto outra os transformava em pó com diversas pancadas secas e outra passava a água fervida de chávena em chávena, até a

verter para dentro de um pote juntamente com o café moído. Debaixo da lona misturava-se o cheiro do incenso a arder com o do café e com o milho que saltava dentro do tacho e se abria repentinamente em flor.

Infelizmente o meu humor nesse dia estava tão rasteiro quanto as ervas secas e não tinha a alquimia do milho. As muitas viagens desgastantes tinham-me apagado a habilidade para me deslumbrar e a curiosidade para avançar pelo desconhecido dentro.

Por vezes, um castelo era um refúgio para os contos enigmáticos, entusiasmantes e inspiradores, outras vezes era só um castelo, e ainda outras vezes era só um monte de calhaus.

O meu poder especial nessa hora era o de reduzir tudo a simples montes de calhaus.

Conseguí fazê-lo com a Kusquam, a residência e igreja da Rainha Mentawab's, datada do século XVIII, como se fosse uma adolescente entediada numa visita de estudo. O problema não estava na Imperatriz, cujas ossadas, juntamente com as do Imperador Iyasu II e do seu neto Iyoas, permaneciam dentro da Igreja, subterraneamente. Nem tampouco no seu colossal salão de banquetes, no seu amplo quarto ou nas suas vestes comidas pelo tempo ou pelas traças. O problema é que as pedras não estavam a falar comigo ou eu não as estava a conseguir ouvir nem a saber erguê-las do chão de forma romântica. Aquele reino e o da imaginação não se tinham tocado, e só uma noite, como qualquer noite, podia dar-me uma nova oportunidade para me reerguer e ser, eu também, algo mais do que um calhau.

LALIBELA

O último dia de Janeiro tinha iniciado com um despertar às 3h da madrugada e depois outro às 6h, por causa do sonoro chamamento para as orações e das orações em si mesmas. Com o fogo inconsciente da insónia, tinha rogado tantas pragas nessa noite que no futuro nenhum céu me abriria a porta para entrar.

A maratona materializava-se nuns épicos 300 km de estrada e 9 longas horas, o suficiente para realizarmos o programa completo de centrifugação para redução da celulite e tonificação dos músculos, para nos desviarmos das rochas que tinham caído, para ver fios de água onde antes havia rios, para ver saltar uns burros e umas cabras para as valetas ao som da buzina da nossa carrinha, que fazia lembrar a dos gelados, e para visitar uma pequena aldeia típica da zona.

A olho nu, e através dos vidros encardidos que se colocavam entre nós e o mundo, conseguia contar cerca de oito casinhas e um número três vezes maior de montes de palha empilhados.

Todas aquelas horas sentada com as pernas curvadas pelas malas no corredor e debaixo dos bancos, fizeram-me sair da carrinha com um andar novo, as calças coladas ao corpo, o rabo enrugado e uns centímetros de pó obstinado em tudo quanto era orifício.

Apesar da secura constante da paisagem, havia um verde naquela aldeia em redor das palhotas que assinalava vida. Os telhados eram um cone farfalhado, a base era um metro de pedras rugosas encavalitadas e as paredes um misto de paus, bosta seca e palha. A avaliar pelos largos espaços entre os paus, não acreditava que ali se debatessem questões como as correntes de ar.

Por dentro, o vazio imperava. Uma ou duas divisões, uma ou duas camas, um ou dois potes de barro, uma ou duas mantas, uma ou duas escadas, e a sacana de uma vaca a espreitar desde a cozinha. Só o essencial tinha lugar, menos do que isso até. Ver uma casa por dentro era como ver todas porque só mudava as figuras de quem lá habitava. Eles seguiam-nos para onde quer que fôssemos. As mulheres, novas, transportavam as crianças ao colo e sorriam, timidamente, arredondando os olhos negros, fundos e cativados. Mais ao longe, no caminho, via-se um casal de anciãos, dobrados como as árvores, e uma criança muito pequena, a destoar, com as suas calças rosa berrante. Era um quadro bonito e intemporal, aquele que me era revelado. As marcas da idade eram tão nuas e tão cruas, que metiam e pediam respeito. As roupas pareciam ter a mesma idade, mas não havia velhice em nenhum deles. Havia tempo e havia vida.

Um pouco depois, já a criança se encavalitava no corpo em forma de lua quarto-crescente da mulher. Descalça, e com uns pés gigantes, ela pisava terra e pedras como se estivesse a andar sobre papel de arroz. Não sabia se eles eram humanos ou se eram paisagem. Ou tudo ao mesmo tempo.

Deixei-me de reflexões e poesias quando um cão, que mais parecia ter sido possuído por uma entidade demoníaca, começou a mostrar-nos a sua dentadura, a babar-se enquanto rosnava e a olhar-nos com a máxima desconfiança. O bicho era a encarnação da raiva. Fiz um ar de quem sai de cena discretamente, por escolha e não por fuga, e comecei nas despedidas e nos acenos simpáticos enquanto olhava pelo canto do olho e tentava controlar a distância de segurança para o cão.

Parecia que já nada mais havia para ver e que estava esgotada a nossa passagem por aquela terra distante e perdida, mas estávamos enganados, muito, e os planos que estavam desenhados no programa iriam ser reescritos sem permissão.

Enquanto nos ajeitávamos nos assentos pequenos, nos sacudíamos, e tirávamos as malas do caminho, uma e outra vez, dobrando-nos sobre os bancos para darmos passagem a outros, o motor lançou um ronco que anunciava a partida.

Lá fora, na aldeia, uma série de homens reunidos num grupo apertado, não sabia vindos de onde, transportava um corpo deitado, quase inerte, numa cama feita de canas. Levantavam-na acima das cabeças e alguém, com um chapéu de chuva, protegia cuidadosamente a parte superior do corpo, tal como tinha visto em Bahir Dar.

Não avançámos e, ingénuos, curiosos e confusos, esforçámo-nos por perceber aquele movimento e aquilo que realmente se passava. À medida que desciam pelo caminho de terra batida e se aproximavam da carrinha, vi que em cima das canas estava uma mulher, muito debilitada, quase ausente, num evidente sofrimento.

- Ela deu à luz há pouco tempo e perdeu demasiado sangue no parto. Está a morrer – disse o Feka, sentado na parte da frente da carrinha, com naturalidade e sem amargura na voz.

Escutei aquelas palavras num misto de surpresa e gravidade, enquanto girava a cabeça em busca das expressões do rosto e o olhar de médica da Merlind, e voltava a girar olhando pela janela, para a mulher, em busca da verdade.

Parecia inequívoco, nas palavras do guia, no assentir da Merlind e nos olhos daquela mulher etíope, que a morte estava perto e acompanhava o cortejo.

Naquilo que me pareceu um momento parado no tempo, acabei por trocar um olhar com essa mulher, e impregnar-me da imagem dos seus olhos embaciados pousados nos meus, rebolando com o calor, suplicando pela vida ou por um fim rápido. Não me iria esquecer jamais daquela imagem.

Estávamos num pico de calor e, para trás ou para diante, os nossos olhos não alcançavam nada mais para além de areia e montes secos. Não entendia para onde iam. Apé. Num passo lento, para não agitar a cama de cana. Numa ausência de manifestações de pesar. Num ritual silencioso e de comunidade.

Nada havia a fazer por aquela mulher e apercebia-me, com dor, que não era uma novidade, que fazia parte, e era por isso que o Feka iria dar indicações ao condutor para seguir viagem.

Porque não a levávamos na carrinha, se havia espaço para isso? A velocidade de uma carrinha nada tinha a ver com os passos daqueles homens. Se corríamos contra o tempo, não éramos nós a única solução para aquela mulher? Revolvia-me em pensamentos de salvação, na busca de soluções novas e eficazes, no remordimento por me calar e não nos obrigar a levar aquela mulher conosco. A impotência incendiava-me e ia-me transformando em cinzas, sem misericórdia. À medida que percorríamos a estrada, ia olhando pelo vidro traseiro e vendo, cada vez mais distante e pequeno, aquele núcleo da aldeia. Ia também olhando para o vidro dianteiro e esquadrihava a paisagem em busca do hospital que iria acolhê-la.

Só o tempo me começou a lamber as feridas da inocência e me permitiu ver que, de facto, nada havia a fazer. A mulher estava nos seus últimos suspiros, morreria na carrinha com tanto balanço e, ainda por cima, entre desconhecidos. Desconhecidos cheios de boas intenções e vontade, mas desconhecidos. Além disso, não havia hospital, nem centro de saúde, nem posto médico.

Havia um médico, com escassos recursos, a tantos quilómetros de distância, a tantos minutos de sol ardente, a tantos passos de onde os tínhamos deixado, que nem uma pessoa saudável aguentaria... “Calcei os sapatos dela”, por momentos... e nesse cenário onde a morte era o meu destino, também eu preferia partir deitada naquela cama de cana, rodeada pelos meus, amada até ao fim. Isso era tanto. Foi o encontrar desse ponto luminoso num lugar tremendamente escuro, que me apaziguou o coração. Era comovente olhar com outros olhos para tudo.

Era do conhecimento de todos, da mulher, dos homens que a transportavam e nossa, de que a ceifeira da existência andava perto, mas o facto de eles não deixarem de percorrer o caminho, dava-lhe uma tônica sublime e profunda. Assombrava-me perante essa outra dimensão da vida, ainda que fosse revelada através do abismo, da perda, da vulnerabilidade e da pequenez da condição humana. O que estava ali representado, sentido, não compreendido nem passível de ser expressado, era enigmático. Que palavras podiam ser dedicadas àquelas circunstâncias que não reduzissem tanto a tão pouco? Somos pó da terra e pó das estrelas, e a elas retornávamos quando batia a nossa hora num relógio que demasiadas vezes parecia adiantado.

Estar na Etiópia também era isso. Existiam ali problemas que não eram problemas no lugar de onde eu vinha, por mais que isso me perturbasse e me fizesse baloiçar entre ondas de culpa e um mar inteiro de gratidão pela minha sorte.

O resto do caminho foi feito numa mudez quase absoluta. Internamente devia existir um fervilhado intenso de monólogos, mas isso não incomodava ninguém, a não ser, talvez, o próprio.

Quando chegámos a Lalibela, ao final da tarde, várias crianças na rua davam pontapés numa bola de meias enroladas, inundadas por um pôr-do-Sol rosa e alaranjado. Algo naquele cenário simples atuava como uma faísca e nos devolvia a vida. Suspirámos, de alívio e de esperança, por nem tudo ter perecido com aquela mulher da qual nem sabíamos o nome. Deixámo-nos contagiar por aquela alegria pura da infância, que descia pela rua inclinada, e que não nos deixava perceber até onde ia aquele campo de futebol improvisado. Acabámos por fazer batota porque a diferença entre as sandálias de plástico e as botas de montanha que tínhamos

calçadas influenciava em muito o resultado e a própria entrega ao jogo. Um pastor, que apoiava as mãos e o queixo no seu cajado, parecia ser o árbitro, embora nunca tivesse assinalado nada para nenhum dos lados.

A roda continuava a girar... e, quando a noite caiu, foi isso que vi o destino escrever nas linhas muito tortas do nosso caderno.



O mundo recomeçou e amanheceu ao som das trombetas, irrompendo pelo quarto do maravilhoso Lalibela Lodge, onde tínhamos ficado instalados. Paredes em tijolo vermelho, grandes, com enormes janelas e telhados triangulares, combinavam com um exterior cuidado, cheio de espaços comuns ao ar livre, que serviam de miradouro e nos convidavam a perder em conversas aconchegados em almofadas debaixo dos telheiros.

Estávamos a pouco mais de um quilómetro das famosas igrejas monolíticas de Lalibela. O pequeno almoço tinha vindo acompanhado da explicação de que depois de Jerusalém ter sido dominada pelos árabes, os cristãos tinham ficado impedidos de cumprir a tradição de visitar esse lugar sagrado. Por isso, tal como os católicos europeus se tinham virado para Roma, os cristãos etíopes tinham-se dedicado à construção de uma réplica de Jerusalém, por ordem do Rei Lalibela, no século XII.

Inspirados por isso e pela barriga cheia, revestimo-nos desse carácter peregrino e pusemo-nos ao caminho no intuito de descobrir novos horizontes ou antigas tradições, como preferíssemos. As igrejas estavam divididas em dois grupos, as do grupo Noroeste, que representavam a Jerusalém terrena e as do grupo Sudeste, que representavam a Jerusalém Celeste. Um fosso escavado nas rochas entre estes dois grupos, representava o Rio Jordão.

Antes de nos tornarmos celestes, avançámos pela via terrena e começámos pelo grupo Noroeste. Centenas de pessoas envergando túnicas brancas e alguns turistas, mais do que todos aqueles que tínhamos visto até aquele momento, enchiam as entradas das igrejas e percorriam os vários caminhos afunilados,

túneis ou galerias, que as ligavam umas às outras como se fossem membros de um mesmo corpo.

Era impressionante ver e pensar em todo o trabalho que tinham tido para escavar e esculpir a rocha até conseguirem chegar àquela forma e obterem aquele espaço vazio no seu interior. Talvez por isso se multiplicassem as vozes que pronunciavam que aqueles lugares haviam nascido com a ajuda dos anjos, durante a noite. Só pelo calor da voz de quem nos transmitia essa lenda, valia a pena acreditar na existência dos anjos, nas noites mágicas e nas intervenções divinas.

Os sapatos ficavam à porta, sempre. Para podermos pisar as alcatifas da forma mais segura possível, tínhamos colocado logo pela manhã um spray para afastar as pulgas. O Félix, no entanto, não tinha ouvido a explicação do guia e pensou que era protetor solar e besuntou abundantemente a cara, tornando-se imune a pragas dali até ao Egito.

O tempo confundia-se em mais de oito séculos porque conviviam, em paralelo, as igrejas de cor vermelha desbotada e as enormes coberturas metálicas, lá colocadas, para proteger o património da humanidade. Aos meus olhos eram apenas uma forma de engolir as construções e de as retirar do contexto e do mundo. Sem dúvida que atrapalhavam o presente e a mística de Lalibela, apesar da sua missão de salvar o futuro.

Entrar nas igrejas, por outro lado, devolvia-nos uma sensação inesquecível de imponência, e foi, numa delas, bastante escura e só com faixas estreitas de luz a entrar pelas janelas, que nos deparámos com um amontoado de fiéis em oração e um sacerdote, de túnica vermelha e bordados florais dourados, a dar a bênção a cada um dos presentes, com a cruz de Lalibela. Essa cruz sobressaía no meio de todas as pessoas, roupas, paredes, objetos e sensações, pois era a única coisa que resplandecia. O ambiente era pesado, as expressões carregadas e os olhos como poços profundos. O Thiago, com a sua natural iniciativa, perguntou se podíamos ter essa bênção ainda que sendo cristãos. Eu acrescentaria, ainda que sendo estrangeiros, estranhos, coloridos e frescos. Cinco de nós, onde eu me incluía, aprontámo-nos de imediato para fazer parte daquele momento.

As explicações foram rápidas, cruz na testa, beijo, cruz na testa, beijo, e por fim, beijo na parte inferior da cruz. O sacerdote parou a bênção aos locais, voltou-se para nós e fez-nos o mesmo movimento, com a mesma inexpressão facial. Aquelas pessoas pareciam carregar centenas de anos nos ossos, no ADN ou nos bolsos, porque a densidade daquilo que víamos neles e sentíamos em nós era, no mínimo, incomum.

Terminado o movimento da cruz, dos beijos e da testa, virei costas e saí em silêncio, contida.

- Pôxa, isso foi forte – murmurou o Thiago, com o seu sotaque brasileiro, e visivelmente emocionado.

Repentinamente, sem perceber nem como nem porquê, fui inundada por uma comoção que me levou às lágrimas e me obrigou a um esforço sobre-humano para as conter ou perceber. Mas fiquei ali, embargada, envolvida, admirada, enternecida, com a sensação de que tinha sido encontrada.

Não podia ter tido uma melhor iniciação como peregrina nos mistérios etíopes, ou melhor, nos mistérios do mundo.

Com as muitas visitas ao número infindável de igrejas, tornámo-nos peritos em tirar os sapatos, ler a história através de pinturas, examinar as construções, atravessar as portas em arco, contar as janelas e dilatar as pupilas para trespassar a escuridão. Lá fora, alguém desconhecido também se ia aprimorando na arte de saber quais os sapatos que pertenciam a quem. Muitas vezes, quando as igrejas eram muito perto umas das outras, nós saíamos com a intenção de nos calçar e descobríamos que os sapatos já iam adiantados no caminho e às mãos deste anjo sem nome. Era por isso que íamos peregrinando, descalços ou com a própria meiazinha, que no início tinha uma cor própria e que, no final, estava uniformizada em cinzento degradé.

Na parte da manhã, tinham entrado na nossa vida, a igreja de Bete Medhane Alem, a maior igreja monolítica do mundo, e todas aquelas às quais estava ligada, a Bete Maryam, provavelmente a mais antiga de todas, a Bete Golgotha, que continha as esculturas dos doze apóstolos em tamanho real e o túmulo do Rei Lalibela (interdita a mulheres), a Capela de Selassie, o local mais santo de Lalibela e cuja enorme cortina, que cobria dois terços da parede, permitia apenas vislumbrar o interior da capela, e, por

fim, o Túmulo de Adão, um enorme bloco de pedra retangular cuja única decoração era uma cruz. Para além destas igrejas interligadas, visitámos outras independentes, como a Bet Debre Sina ou Bet Mikael, a única que apresentava pilares em forma de cruz, a Bete Meskel e a pequena capela Bete Danaghel.

Saindo do Norte e pendendo para Oeste, isolada do resto das igrejas, estava a carismática Bete Giyorgis, dedicada ao santo nacional da Etiópia. Provavelmente, e sem estatísticas que mo comprovassem, seria a que mais aparecia nas imagens associadas a Lalibela. E não era para menos... Ao aproximarmo-nos, já sem vestígios da proteção da Unesco, vimos surgir um enorme fosso e, no meio dele, uma estrutura construída em forma de cruz. Não era tão grande como outras que já tínhamos visto, mas era perfeita. De cima, onde nos encontrávamos, dava para perceber que o topo era constituído por três cruces, umas dentro das outras, de forma matemática e harmoniosa. Era necessário percorrer um túnel situado a alguma distância para lhe podermos aceder e sermos conduzidos por um sacerdote até à porta e nos inteirarmos que poucas coisas moravam naquele interior: duas imagens representando o São Jorge, uma em cores garridas a cheirar a novo, e outra, descolorada, dois baús feitos pelo Rei Lalibela e que eram os guardiões dos tesouros da igreja, um tapete pesado azul escuro e umas cortinas penduradas, em vermelho garrido, que poderiam enfurecer até um touro manso. E o padre, claro, que agarrado a uma cruz de Lalibela, também se colocava em pose, para que não duvidássemos que fazia parte do relicário.

Existiam também vários espaços recônditos e cavernosos no fosso, ao redor da igreja, que eram um convite à exploração. Ao aproximar-me de uma entrada, que estava tapada por uma portinhola de rede, pregada em tábuas de madeira, fui despertada por uma imagem de dois pés, chamemos-lhe, mumificados. Lá dentro, um aglomerado de ossos, às vezes, esqueletos inteiros, eram a prova, não viva, da fé dos peregrinos que haviam decidido fazer daquela a sua penúltima morada.

Foi durante essa tarde, recompostos pelo almoço e pela brisa com a frescura certa, que descobrimos aquilo que se poderia chamar a “versão olímpica transcendental”.

O Mosteiro de Asheton Maryam situado no alto de uma montanha, e escavado numa falésia, pedia-nos um esforço e uma devoção que, naquele momento, não sabia se tinha para dar.

O caminho era apertado e gasto, paredes de rocha elevavam-se em direção ao céu e os desfiladeiros caíam para lado nenhum numa altura 3000 metros. Tínhamos umas boas pedras para subir que nos acaloravam todo o corpo e nos faziam latejar as têmporas. A acompanhar-me, para além do desespero, ia a certeza de que ninguém se iria lembrar de construir ali um mosteiro a não ser que estivesse a pensar de forma calculista na seleção natural da espécie. Só um apelo transcendente e inequívoco poderia mobilizar alguém para percorrer aquele caminho.

Depois de três horas ensolaradas e exigentes, deparei-me com a entrada do mosteiro e não me apeteceu entrar. Não me apeteceu sequer descalçar. Olhava de fora e achava que era mais do mesmo e que não valia a pena o esforço. Mas todos, a baixo ritmo, um por um, tiraram os sapatos e foram entrando com o que tinham, devolvendo-me que o facto de ter feito o caminho e parar à porta não era nada de muito razoável.

Só mais esta vez, pensei, enquanto tentava sacar os pés que, depois de tudo, parecia que tinham o dobro do tamanho e do sufoco. Ao entrar para aquele espaço exíguo, vi que o sacerdote tinha distribuído dois pavios, compridos, fios entrelaçados em fios, e olhava em volta à procura da pessoa a quem iria entregar o terceiro fogo. E num movimento preciso estendeu-o a mim, depois de cruzarmos o olhar. Enquanto o padre guardião nos contava sobre o passado que se fazia presente, eu o Feka e a Karen dedicámo-nos a iluminar os vários recantos da igreja, as relíquias adornadas em ouro e os artefactos religiosos multisseculares.

Mas porque é que ele te deu a tí? – murmurou o Richard entre dentes para não importunar o fio da história – Tu nem querias entrar, nem descalçar os sapatos... e foste a última! Isto dá que pensar...

Sorri-lhe de forma matreira, mas dentro de mim, também tinha ecoado essa pergunta. Sabia que era assim mesmo, uma lógica não humana, mas não deixava de me espantar quando isso se tornava concreto. O meu pavio foi o primeiro a arder, o que não

estranhei, porque ele de facto estava curto, e por isso coloquei-o junto a uma vela que lá se encontrava. Saímos e subimos um pouco mais, até ao topo, a partir de onde se podia ver toda a montanha e todo o majestoso cenário. Isso sim, fazia valer a pena o cansaço e os pés assados.

Ao longe, sobre as pedras grandes e redondas, no limite do desfiladeiro, o sol iluminava uma silhueta feminina. O vestido baloiçava de forma suave e morna com o vento, como se estivesse a executar uma coreografia. Havia tempo, havia silêncio, havia tanta beleza ali contida que aquela imagem podia representar toda a experiência do “sagrado”. Talvez nos tivéssemos engando e subido tanto, que acabáramos por entrar no reino dos céus.

Morava em mim a evidência de que estávamos a ser orientados por outros meridianos e fusos, e que era por isso que até nos deitarmos e fecharmos os olhos, a experiência etíope não tinha terminado. E esse dia não era uma exceção.

Na altura do jantar fomos levados a conhecer um sítio afamado que nos poderia oferecer um dos melhores fins de tarde. Foi com essa esperança que chegámos ao restaurante Ben Abeba ou, traduzido à letra, “montanha de flores”. O restaurante era gerido por uma escocesa, cheia de frescura, energia e simpatia, que nos havia recebido de braços abertos, desde o alto dos seus setenta anos. A Susan Aitchison, para além de ter sido professora de economia era uma exímia contadora de estórias, principalmente da sua, e tinha-nos feito apaixonar por ela e pela sua existência em poucos minutos. Estava na Etiópia por amor, porque se tinha casado com um etíope e haviam tido a ideia poética de criar uma montanha de flores. O plano cumprira-se sob a forma daquele restaurante, cuja arquitetura parecia que tinha saído diretamente de um filme de ficção científica para o pico de uma montanha em Lalibela. O edifício central era em forma de cone, metade opaco, metade transparente, e fazia uma curva no ar, como se fosse um chapéu de campino ou, já que estávamos no reino da fantasia, um chapéu de gnomo. Ao redor desse edifício, encontravam-se várias plataformas, de distintas formas e tamanhos, todas abertas para o exterior. Algumas delas lembravam taças ou cálices, e eram suportadas por enormes pés de ferro vermelho. Todas as plataformas, interligadas por escadas circulares, eram

verdadeiros miradouros, viradas para todas as orientações possíveis, e poucos eram os espaços fechados para o mundo. As rampas que nos levavam até à entrada estavam delimitadas por canteiros e flores, apaixonadamente plantadas e cuidadas. Era um espaço estranhamente soberbo.

Estava a celebrar-se um casamento, mais um, e os convidados dançavam animados. Os noivos, tiravam fotos numa dessas plataformas e enobreciam os fatos que usavam. Com aquela luz, qualquer pessoa, animal ou objeto, ficava deslumbrante. Ela, num fato volumoso, todo em rosa e branco, com rosas desenhadas no vestido e a segurar mais um ramo de rosas vermelhas emproadas. Ele, de camisa negra e tudo o resto, branco. Se fosse pelas cores, eu saberia quem estava a viver o sonho. Cânticos, tambores, ritmos, júbilo e palmas, eram o pano de fundo. Seduzidos, deixámos o sol se pôr e o frio se instalar. O vento era gélido e pensávamos que não íamos aguentar muito mais tempo ali espetados. A sugestão, no entanto, era a de descermos e de irmos jantar ao relento num lugar que estava a ser atenciosamente preparado.

Estava à nossa espera um banco comprido, feito de pedra, com uma cabeceira também em pedra, em forma de meio círculo. Também nos esperavam uma série de mantas amarelas compactas que, quando tocavam o corpo, pareciam arte, e uma série de ramos e paus bem colocados diante de nós, ansiosos para que lhes fosse ateado o fogo.

Pôr-do-Sol, mantas, fogueira, um horizonte sem fim, comida divina, música e comunhão. Se cada uma das pessoas no mundo tivesse a oportunidade de viver e vislumbrar a perfeição da existência naquele momento, iríamos acordar no dia seguinte numa outra realidade, muito mais amorosa, muita mais bela e muito mais simples.

Mas era eu quem ali estava, e por isso, tentei deixar que isso me mudasse a mim. Vimos a noite ganhar ao dia, a Lua começar a brilhar e a música deixar de tocar. Fomos aquele laranja incandescente da lenha a arder.



Despertar e saber que se tinha por diante mais uma jornada inóspita, árida, montanhosa e esmagadora levava-me a percorrer constantemente aqueles circuitos neuronais que me transportavam a lugares comuns como uma cama de rede, um mergulho no mar, ou um batido de fruta na esplanada.

Ouvimos o chamamento da Igreja Yimrehane Kristos, a 45 km de Lalibela. Na verdade, ouvimos o chamamento do motor da carrinha, e esse, ninguém ousava contrariar. Dessa vez, para chegarmos à caverna natural onde se havia erigido a igreja monolítica não tínhamos que nos empoleirar e trepar pedras porque toda a subida era feita de degraus. De degraus e mais degraus, que se sucediam sem parar. O coração ia mudando de sítio com o calor e a sede contraía, tal como o ego. Os miúdos passavam por nós em excesso de velocidade, para vender coisas ou simplesmente para brincar... Os graúdos, ultrapassavam-nos, e víamo-los afastarem-se com ligeireza, ainda que levassem muita carga nas costas... chegava a ser vergonhoso. A nossa honra estava na banca rota, não valia um birra.³

A acrescentar a isso, levávamos com a vontade incessante de conversar que os miúdos tinham. Bombardeavam-nos com perguntas sem sequer dar tempo para a resposta:

- Como é que te chamas?
- De onde vens?
- Que idade tens?
- Gostas da Etiópia?

Mas isso de estar sempre entre os 2200 e os 3100 metros e de subir degraus tinha muita técnica. A primeira era respirar, a segunda era beber litros de água e a terceira era poupar na conversa.

Perdi a identidade naquelas escadas, todas as vezes em que me chamavam “money” e todas as vezes em que menti e que disse que era China só para poder cortar nas sílabas. Se me calasse após esta informação e não respondesse a mais nada, eles acabavam por desistir passados uns quinze degraus... Ou cento e cinquenta, dependendo da resistência...

3. Moeda corrente oficial da Etiópia

Quando finalmente chegámos à gruta, depois de uma grande overdose de estímulos, deparámo-nos com um estilo de igreja realmente diferente. Interna e externamente, era decorada com esculturas de madeira e pinturas no teto. A parede tinha riscas largas, castanhas e brancas, horizontais, que faziam lembrar as cabanas de madeira da praia. As janelas eram também em madeira, todas trabalhadas, rendilhadas, e por vezes também pintadas de branco. E a igreja estava à sombra, o que já era uma enorme vantagem. Até podia ser um pardieiro, porque para mim, naquele momento, virava uma catedral. Os sapatinhos ficavam à porta para não destoar. Umas esteiras de palhas esticadas, que colecionavam boas “cagadelas” de pássaros e outras construções estranhas eram o chão para os nossos pés pisarem. E eu não tinha levado meias.

Foi com grande brutalidade que fomos introduzidos na experiência dos gangues de turistas. O grupo anterior estava a sair da igreja no momento em que nós já tínhamos entrado e esperávamos pacientemente que nos chamassem. Começaram por nos pedir, ou melhor, ordenar, que saíssemos do caminho, para tirarem as suas fotos, com máquinas que pareciam saídas da NASA e que tinham objetivas de meio metro. Não satisfeitos, depois de flasharem o sacerdote até à exaustão, mandaram-no virar-se e colocar-se um bocadinho mais para a direita, depois mais para a esquerda, mais de lado, mais de frente, mais para cima e mais a gosto. A boa fotografia assim o exigia e, afinal, o homem santo estava ali para ser um modelo profissional.

A incredulidade perante o cenário desenrolou-se rapidamente até dar lugar à cólera. O Feka, que até ali parecia ter uma tensão arterial nos mínimos da sobrevivência, desprende-se da sua fraca figura e ganhou metros de altura enquanto retirava o sacerdote daquele circo e tentava explicar aos turistas que estavam perante um homem sagrado, um lugar sagrado e um povo que deveria ser respeitado na sua história e cultura. À voz dele juntaram-se muitas outras vozes nossas, em pura exaltação ocidental e reforçando a ideia de que um povo unido jamais seria vencido.

Do outro lado da barricada estavam uma série de gigantes brancos e fleumáticos, homens e mulheres de curto pavio, cuja força de corpo também se refletia nas palavras, em russo, que saíam como uma rajada de balas de metralhadora. Ninguém se

entendia e a língua, mais do que o idioma, não era, definitivamente, a mesma.

Só os guias, de um grupo e de outro, com a sua natural calidez, conseguiram levar a paz ao campo de guerra ainda que, durante muito tempo, os corações tivessem ficado em alvoroço e com dificuldade em voltar a centrar-se e a olhar para as coisas com olhos de ver.

Cerca de dez mil ossadas de peregrinos repousavam naquela gruta e lugar de devoção. Por escolha própria, diziam-nos, mas se olhássemos com mais atenção havia alguns que pareciam ter sido obrigados, nem que fosse, pelas circunstâncias incontroláveis e imprevisíveis da vida. Era impressionante, quase tão impressionante quanto o nível de imundice histórico que os pés tinham atingido.

Para não perdermos naquele episódio toda a santidade que já tínhamos conquistado, ainda nos metemos corajosamente a visitar o segundo grupo de igrejas de Lalibela, as do Sudeste. Havia chegado a altura de comprovar se aqueles pés impuros podiam percorrer a Jerusalém Celeste. E, felizmente ou infelizmente, podiam.

Palmilhámos os corredores, cheios de pilares, da igreja Bete Gabriel-Rufaél, onde o nível da água subia ou descia conforme a época da chuva ou da seca. Vimos a cisterna subterrânea e pudemos contemplar as impressionantes fachadas daquele que, possivelmente, teria sido um antigo palácio real. Por pequenos túneis, galerias e escadas, também conseguimos entrar no interior da igreja Bete Emanuel, considerada pelos historiadores de arte a mais bonita e impressionante. Sem uma grande decoração interior, e não cumprindo plantas nem orientações convencionais, encontrámos, com a ajuda de uma lanterna, a igreja de Bete Mercurios, aquela que teria sido uma antiga prisão. E por último, vimos a igreja Bete Abba Libanos, dedicada ao famoso santo monástico da Igreja Ortodoxa Etíope, Abba Libanos, e que ao contrário de outras, não tinha sido escavada de cima para baixo, mas na lateral.

E foi com essa porção de santidade que fechámos a peregrinação oficial a Lalibela.

Se algum de nós tivesse chegado àquela viagem com arrependimentos, amargas e um coração pesado, todas as

penas teriam sido purgadas nessas andanças espinhosas e desafiantes, cheias de aroma a “mais além”.

Já no centro da cidade, onde o autocarro nos tinha deixado, eu continuava a procurar a bíblia que me estava destinada, ainda que os ataques de tosse continuassem e que todas as que encontrava não me falavam com suficiente força ao coração.

No regresso ao hotel, uma criança de cerca quatro anos correu até mim e deu-me a mão. Os olhos ocupavam quase toda a cara e o sorriso aberto e meigo afastavam qualquer nuvem que pairasse sobre mim, fosse de pó, de cansaço ou de sombra. Cada vez que olhava para baixo, ela levantava a cabeça, e olhava da mesma forma para mim. Era tão suave a sua presença que de vez em quando sentia a necessidade de mexer a minha própria mão para saber se a mão minúscula dela ainda ali estava. E estava, e esteve sempre, até chegarmos à porta do hotel e ela me dizer adeus e subir a estrada a correr e a rir, afastando-se, fantasmagoricamente, tal como se tinha aproximado.

MEKELE

Nascia o Sol e, com ele, mais um dia cheio de promessas. Os amanheceres, fossem como fossem, tinham essa capacidade de transformar tudo, incluindo nós, num infinito campo de possibilidades. Comecei por ir buscar a roupa que tinha deixado a lavar dois dias antes e, depois de a ver, fiquei com a perfeita noção de que ela tinha estado numa grande batalha, que se havia debatido heroicamente, mas que tinha sido derrotada e humilhada, se não arriscasse a dizer, barbaramente assassinada. Para esse mal, restava-me um único remédio, esperar que ela recuperasse a forma original junto ao meu corpo, quando a vestisse. A grande vantagem é que tinha ficado com metade do volume e facilitava-me em muito a tarefa de arrumar a mala.

Entre nós e Mekele estavam as espetaculares montanhas de Sekota e Alamata e umas dez horas de estrada serpenteada.

Por debaixo da ponte por onde circulávamos, no lugar onde antes havia um rio estava um espaço desocupado, seco e pedregoso, convertido num atalho para um camião desengonçado cheio de gente e mais outras tantas gentes a pé, junto com os seus animais, peles, sacos e canas de açúcar.

Era um cenário admirável, que parecia a migração dos pássaros em formato humano, sem asas, exceto as das galinhas penduradas de cabeça para baixo que balançavam nas mãos dos etíopes. Os mais cuidados e apumados vestiam roupas cheias de botões brancos cosidos, na camisa ou nos calções. Isso era um toque da moda, quanto mais botões cosidos, mais estilo.

A paisagem ia sofrendo mudanças drásticas à medida que íamos descendo as montanhas. As acácias deram lugar aos eucaliptos e às bananeiras. Os tons de castanho passaram a verde. A água deixou de andar e passou a correr, mesmo que em margens não originais. O viço aparecia também nas cenouras, que rompiam a terra com convicção.

Um pouco mais tarde, as paisagens mesclaram-se e surgiram as caravanas de camelos, os inúmeros catos, rasteiros ou em forma de árvore e as casas de pedra a substituírem as de paus e palhas. Na estrada, transitávamos nós e os camiões, exceto aqueles que se tinham virado, há muito, muito tempo, e os outros, pouco tempo antes de lá chegarmos. Pelo menos cinco deles, e respetiva mercadoria, resolveram atravessar-se no nosso caminho nesse dia e anunciar que só iríamos ver Mekele quando a lua se levantasse no horizonte.

Seríamos surpreendidos com as suas construções, com a existência de postes de eletricidade, com a mudança de estilo da roupa, com o número de veículos motorizados nas estradas, e com as próprias estradas, passeios ou anúncios de publicidade.

O lado cidadão poderia ser importante, mas a minha vontade de comer galinha, boa galinha, estava ao nível da busca do Graal ou da pedra filosofal. Talvez tenha sido por isso que o meu pedido na hora de almoço tenha soado mais a uma suplica desesperada do que a uma simples escolha do menu.

A verdade é que me ofereceram uma galinha que não era uma galinha. Na melhor das hipóteses, era um galo, velho, estafegado, de mau feitio que, mesmo depois de morto, continuava a dar luta e tinha o poder de me adormecer os sentidos. Era sem dúvida um galo ruim, mas não deixava de me encher a barriga e saciar a fominha que sentia, vezes demais, para aquilo a que estava habituada.

Mas sobre a mesa, repartido em cestinhos, estava também um pão emaçarocado, com o interior muito pouco cozido, que me fez soltar um gemido, quase erótico, e que quase me sacou umas lágrimas de comoção. Não fosse a vontade de manter uma fachada de normalidade teria comprado sacadas daquilo para me poder alimentar até sair do país.

O sabor dos alimentos pouco cozinhados era um deleite para mim desde pequena. A minha gulodice não pendia de todo para os doces, mas sim para a massa dos bolos ou do pão. As minhas avós, ambas flores, Rosa e Hortênsia, em alturas de festa ou em alturas de imploração por parte dos netos, sempre nos tinham proporcionado essa experiência de brincar, misturando farinha e água, de meter as mãos na massa e de remexer, virar, esticar, fazer bonecos, e claro, de tirar uma porção para comer antes de ir para o forno ou para o fogão. Aquele gosto típico, brando, picante pelo fermento e maleável, e todo o amor que, tal como a farinha, estava espalhado pela mesa da cozinha, imortalizava as horas entre primos, netos e avós e criavam um forte património para a humanidade.

Estava certa que eram essas as memórias que tinham despertado, subido à arena e vencido a luta com o galo logo ao primeiro round.

Nessa noite, numa espécie de palácio de nome Axum Hotel, adormeci ao som de música típica que saía de um dos canais da televisão, a única tecnologia disponível no quarto. O segundo quarto, porque o primeiro tinha uma mala de viagem no chão, sapatos à beira da cama e lençóis abertos.

Mekele levou-me a vaguear de sonho em sonho, em português e em inglês, e debaixo do efeito de uma lua redonda e instigadora que me iria confundir os mundos até de manhã.

HAWZIEN

Acordei bastante estremunhada depois do nível intenso de atividade onírica bilingue. A minha aposta para acabar com aquele estado era mandar-me ao chá preto, como habitual.

O facto de ter levantado várias chávenas e todas elas trazerem o pires atrás, de forma pegajosa e sem método intencional, não

era razão suficiente para me demover, mas o chá cheirar e saber a ovelha ou a cabra ou a lã, isso sim, já era demasiado para mim. Enchi o estômago com algo oleoso e não identificado e com a esperança de chegar rápido ao lodge em Hawzien porque, felizmente, tocava-nos uma viagem mais curta que o habitual. Curta, mas não muito, porque para travar o entusiasmo miudinho, ficámos presos numa das curvas poeirentas do cimo da montanha, juntamente com uma série de camiões, uma carrinha de turistas e uma ambulância que vinham no sentido inverso. Ao que parecia, havia um buraco considerável na estrada e o senhor do camião das obras tentava tapá-lo, desviando a areia de um monte para o buraco, mas através de um pau. A nossa carrinha de turistas estava apetrechada com uma pá e isso tornou-nos nos heróis da jornada.

Enquanto todo o movimento acontecia, eu tinha decidido trepar para o tejadilho da carrinha, não só para ter uma perspetiva mais ampla do filme, mas também porque me apetecia. Ao descer, tinha conseguido a proeza de partir uma peça, rachar outra e desencaixar a escada, tudo de uma só vez. Ainda tinha eu uma perna levantada e apoiada no degrau, quando o motorista me viu e me avisou que não poderia subir, desconhecendo que eu já estava a descer. Devolvi-lhe um olhar atento, anuí com a cabeça de forma convicta, baixei a perna como se tivesse desistido da intenção inicial e deixei de forma pardacenta a parte de trás da carrinha enquanto assobiava para parecer descontraída. Os danos haveriam de ser descobertos muito tempo depois e eu já não seria a única suspeita. Estava a viver os frutos de uma infância muito criativa e habituada às estratégias de fuga e dissimulação quando as coisas não corriam particularmente bem nem em conformidade com os projetos parentais.

Depois de atravessado o obstáculo e de fazermos uma pequena paragem para visitar uma das igrejas mais antigas da Etiópia, a Abreha Atsbeha, que apesar de ser diferente na sua construção e influência, não nos fazia sentir que houvesse muito para ver, chegámos ao nosso lodge. O Gheralta Lodge era um autêntico oásis no deserto, perdido, só para poder ser encontrado. Estava construído essencialmente por retângulos de pedra clara,

madeira escura e vidro, e era dotado de grande simplicidade e espaço. A natureza que havia fora também entrava por aquele lugar, não se distinguindo onde começava o exterior e o interior. As cortinas brancas dançavam ao vento e iam revelando um pequeno jardim interior. Os bancos estavam cobertos de almofadas beges e convidavam a uma partilha mais reservada e intimista. Os animais, burros, vacas, ovelhas e um cavalo, andavam livres, soltos e entre nós. Os falcões e outros pássaros sobrecarregavam a árvore mais sumptuosa do lugar e emitiam os poucos sons que se escutavam para além do vento... e do silêncio.

Hawzien vai ficar inevitavelmente ligado à plenitude do nada, ao desfrute, à inação, ao eco mudo que sentimos e nos pressiona os ouvidos quando não há barulhos a fazê-lo.

Aproveitando as influências italianas do dono, pude reconciliar-me com o meu estômago e papilas, ao experimentar o melhor esparguete da Etiópia, e ao encontrarmos o néctar dos Deuses. O Thiago, que cirandava pela sala de refeições, acabou por descobrir uma garrafa de azeite e outra de vinagre balsâmico, que nos deixaram com as mãos a tremer de excitação, quando as vertemos abundantemente sobre o prato vazio e embebemos uma série de pedaços de pão. Falemos de transcendência, porque era disso que se tratava.

Lá fora, as espreguiçadeiras, as almofadas e as mesinhas de apoio, viradas diretamente para a planície sem fim e para os animais, pareciam ter-me lançado um encantamento poderoso de fortes raízes africanas. Sentia-me incapaz de quebrar aquele enguiço e de ir realizar as atividades opcionais de hiking e escalada, por isso coloquei-me em mãos invisíveis e entreguei a minha vida àquele adro, por umas horas.

Sentada, recostada, deitada, descalça, refleti, vi, ouvi, senti e escrevi. Sem esforços, sem desafios, sem nada para conquistar ou provar. Permanecer até aos últimos raios de Sol, bastava-me. Não precisava de mais nada para além de testemunhar a vida em mim.

AXUM

De todos os lugares inacessíveis e inconcebíveis onde já tínhamos ido, este que começáramos a percorrer na manhã de 5 de fevereiro, era, sem contestação, o mais diabólico de todos eles. Era um sacrilégio ouvir sair da pequena boca do Feka que estávamos num lugar sagrado.

Se os mosteiros são lugares de reclusão, aqueles estavam no sítio certo. Não tinha nada contra as montanhas, as rochas e as escarpas, porque eram coisas bonitas de se ver, principalmente nos livros e no ecrã de televisão. Mas tinha alguma coisa a apontar-lhes se tivesse que as subir, como era de resto o caso. E nem os sapatos todo-o-terreno, o guaraná concentrado, a garrafinha de água a aquecer na mochila e a t-shirt anti transpiração puderam fazer frente à insolação, ao ar rarefeito e ao desespero que vinha em vagas constantes. Empoleirar-se em pedras ou subir infundáveis degraus já não era suficiente, nessa última etapa era necessário fazer escalada, e só oito de nós acabámos por aceitar o repto e nos colocar a jeito para realizar a tarefa e sentir o inexpressável.

Na primeira metade do caminho, rumo à Igreja Maryam Korkor, ainda consegui fazer de “trepadeira” humana e atravessar várias limitações do corpo e da mente. Também me havia descoberto como agente ativo da erosão das rochas e tinha-me agarrado ao que havia para agarrar como se não houvesse um amanhã. Raspara-me toda, rocha acima, rocha abaixo, vezes sem conta. Se a Unesco tivesse visto a minha brilhante performance naquele património natural ter-me-ia extraditado.

A cabeça estalava-me do esforço, do calor, da desidratação. Achava que o caminho era insano, mas isso era porque ainda não tinha chegado à malfadada parede de rocha que se erguia diante de nós, barrando-nos a passagem, e que parecia suficientemente ambiciosa para tocar nas nuvens. O dado que podíamos lançar só tinha três lados, três hipóteses, escalar a parede com a ajuda dos três etíopes que nos esperavam, descalços e vestidos com casacos e calças camufladas, voltar mais cedo para trás ou sentar-se ali, encostados às rochas, a rezar para não chorar.

Os três homens colocaram-se estrategicamente ao longo da parede rochosa. Um no topo, outro a meio, e um cá em

baixo, como elemento propulsor. Não havia cordas, não havia suportes, não havia nada, a não ser a força das pernas, dos braços e a aderência de uns pés descalços. Eu na aderência dos pés ainda confiava, mas na força do resto dos meus membros, não apostava um cabelo branco. Estava nas últimas, e enquanto uns faziam contas de cabeça para ver como subiam e onde se podiam apoiar, eu só pensava em como é que depois iria descer.

As informações sobre o caminho além parede também não eram nada motivadoras, pelo menos para mim, que já ouvia a voz do corpo a gritar histericamente - "pára!". Era um trilho demasiado estreito, à beira do abismo, literalmente, e onde só se podia caminhar encostado e apoiado às rochas.

Nesse dia não. A versão de me sentar no chão e rezar para não chorar, era o meu lado do dado naquele jogo de tabuleiro. Enfiados à sombra numa reentrância da rocha, eu, o Richard e a Karen, esperámos pelos companheiros mais dispostos ao sacrifício da aventura, e desfrutámos de uma vista completamente desafogada, de cortar a respiração, e impulsionadora de silêncios, conversas, risadas espontâneas, muitas brincadeiras com a máquina fotográfica e muitas selfies falhadas. A perseverança nos disparos do obturador não era mais do que uma tentativa de segurar a areia da memória nas mãos e de não a deixar escapar por entre os dedos. Estávamos pousados numa falésia a grande altitude, na mesma linha dos falcões, e podíamos por fim perceber o mundo através do olhar de um pássaro.

As vozes dos primeiros aventureiros a chegar, retiraram-nos e salvaram-nos de uma realidade que já nos tinha dominado e da qual não queríamos sair. Éramos crias a ser expulsas da calidez de um ninho, ou de um útero.

A descida da parede, tal como intuía, assemelhava-se a uma pista vertical de dança oriental, cheia de picante, apalpadelas, umbigos à mostra e muitos movimentos de quadris em busca de lugares para os pés e para as mãos e para a coragem. O Félix foi atingido por um ataque de pânico, que o levou a uma série ininterrupta de gritos agudos e soluços de choro, que tanto nos tinham aumentado a preocupação como nos tinha dado uma vontade incontrolável de rir.

Valera-nos o treino do Thiago para lidar com situações difíceis e o treino do Paul, de cariz militar, que tornava simples qualquer operação.

Retomámos o caminho de volta, todos com as marcas na roupa e na cara, para não dizer na Alma, da prova física a que tínhamos sido sujeitos. Apesar de ser montanha abaixo, não conseguia dar um passo sem que tremesse toda desde os tornozelos até às ancas.

Quando deixámos os saltos de pedra em pedra e assentámos em terra firme, apareceu uma casa. A sensação era sempre essa, a de que aparecia alguma coisa que antes não estava lá, como um ato de pura magia. Morava no meu coração de criança a certeza de que estávamos a escrever uma história fantástica, ou a ser escritos por ela, e que andávamos a cruzar umbrais, a viajar entre dimensões paralelas, entrelaçadas, dançando algures entre o passado e o futuro.

Morava no meu coração essa certeza e naquela casa também. Ela era feita de pedras empilhadas, troncos ao alto que sustentavam o telhado de palha, e uma única divisão, onde cabia tudo, ou melhor, onde cabiam as poucas coisas necessárias.

À entrada estava uma anciã, cuja figura não nos permitia adivinhar a idade, tendo em conta os limites do razoável e daquilo que se conhece sobre o máximo de anos que se pode atingir. Eu aproximava-me mais da verdade se pensasse que ela era como os gatos, com sete vidas, e que todas elas se acumulavam de forma visível tal como as camadas de pó. Tinha a pele escura e enrugada, uma cruz desenhada na testa, o cabelo negro e longo apanhado, um vestido florido, fluído, em tons de bege gasto, que de vez em quando deixava aparecer os sapatos azuis, e dois fios ao pescoço com losangos espelhados que eram a única coisa que por ali brilhava. Apesar de ter só dois dentes, ria-se de uma forma que nos fazia esquecer de que lhe faltava alguma coisa e, apesar da transparência ou cegueira dos seus olhos, era evidente que via mais do que todos nós juntos.

Nós tínhamo-nos apresentado a ela de forma decadente, e estávamos resumidos a um vermelho explosivo nos rostos, a uma roupa pendurada num corpo transfigurado e fios de suor a escorrerem-nos por toda a pele.

Não lhe pedimos nada, mas dois minutos depois, com generosidade e afabilidade, esticou-nos uma cobertura à sombra e foi preparar-nos um café, que nos deixou a garganta a arder e que só se podia comparar à força dos raios e trovões.

Enquanto ela fazia as suas tarefas, eu seguia-a, cativada, com o olhar. Era uma mulher intrigante, que apesar da curva da velhice se movia com a elegância de uma bailarina, leve, silenciosa e atemporal no seu fazer. Se fosse eu a escrever o conto diria que apesar de estar encoberta na simplicidade de alguém que apenas torra grãos de café, era ela quem detinha a chave para os maiores e mais profundos segredos do Universo.

Sentia que a página estava quase a virar-se e que tinha de a deixar também para trás, a revirar as brasas sobre aquele caixote de ajuda dos EUA, que antes continha óleo vegetal refinado, tal como dizia na lateral num amontoado de letras corroídas. No peito levava uma dessas brasas, ardentes, inquietas, que me iria continuar a animar a procurar o que de mais profundo existe. Ela tornou-se para mim a encarnação do mistério, aquele que é verdadeiramente inatingível porque de outra forma deixaria de corresponder ao nome. E esse era para mim o travo mais amargo e mais sublime dos perpétuos buscadores.

Não devia ser permitido deixar para trás aquilo que nos era importante.

Caminhámos à base de cafeína, em direção à estrada principal, onde, supostamente, a nossa carrinha nos iria recolher. Mantivemo-nos à sombra de uma das poucas árvores e, passado um tempo demasiado longo e suspeito, decidimos fazer-nos os oito à estrada, andando, para onde estávamos virados, e sem que soubéssemos o que é que isso queria dizer exatamente no mapa. Para onde quer que olhássemos, víamos o mesmo, uma paisagem deserta. Havia a estrada e havíamos nós. Era um momento de tal forma cinematográfico que até compus mentalmente a música de fundo, assim algo monocórdico, talvez saído de um dedilhar de cordas cansado e de uma voz rouca, noturna e aquecida pelo bagaço. Os sapatos ganhavam peso e os pés tostavam dentro das meias. O Sol era como um dedo gigante a esmagar-nos contra o solo. Não havia sinal da carrinha e nada mexia para além das nossas sombras. Quando já estávamos a arrastar os pés,

realmente desidratados e quase a entrar em delírio, avistámos aquele retângulo sobre rodas desfocado pelas ondas de calor e acenámos agitadamente como forma de assegurar que nos recolhiam.

Não nos importámos com mais nada nem sequer com as poucas explicações sobre o assunto porque, por conta do sol ou de qualquer outro elemento natural etíope, já tínhamos perdoado todos os desencontros desse dia, de todos os dias passados e daqueles que ainda estariam por vir.



No programa, Axum era a última cidade a conhecer antes do regresso à “nova flor”, a capital. A nostalgia antecipada fazia-se já notar na nossa atitude, na inquietação interna e na vontade de aproveitar ainda melhor cada instante, como se isso fosse possível.

Já me tinha habituado à sensação de pó na pele, que quase me fazia parecer bronzeada, à ausência de limites do deserto, à pequenez e à grandiosidade, às rochas, à magia e à beleza inquestionável das mulheres e homens etíopes. Mais, estava rodeada de pessoas que me eram caras, que me faziam rir muitas vezes, que me inspiravam como seres humanos, que me aqueciam o coração e me lembravam porque é que, de tempos a tempos, sair de casa não era um capricho nem tampouco algo acessório. Sair de casa era querer crescer mais, era querer amar mais, era reconhecer-me nas paisagens e nos outros, e era ampliar o meu umbigo até ao horizonte, para que mais mundo fosse meu, para que mais pessoas e personagens pudessem pisar mais palco no teatro da vida.

Aquelas pessoas tinham-se entranhado em mim e a saudade do que ainda estava perto da carne, aparecia a cada recanto da cidade mais antiga da Etiópia e que tinha sido a capital do grande Império Axumita.

Lá, no campo de Mai Hedja, a nossa primeira paragem do dia, podíamos continuar a assombrar-nos com tudo aquilo que uma ampolheta não conseguia refrear, roubar ou medir. Grandes estelas de pedra, 126 no total, tinham sido levantadas

nos primeiros séculos depois de Cristo para recordar grandes reis, e agora apresentavam-se a nós com autoridade ainda que a maioria estivesse prostrada e quebrada em muitos pedaços.

O segundo maior obelisco, de 24 metros de altura e 1700 anos de idade, tinha tido uma relação amarga com os Italianos, cuja paixão arrebatadora durante a ocupação os tinha incitado a pedi-lo “emprestado”, a cortarem-no em três partes, a enviarem-no para Roma e a erigi-lo na praça. Só depois de alguns acordos não cumpridos e de ainda mais disputas diplomáticas é que o devolveram ao lugar onde pertencia, mas sarcasticamente desfeito em pedacinhos.

Era bom ficar a saber daquelas coisas perniciosas que acabam por nivelar todos os povos quando as circunstâncias assim o permitem. Ninguém podia atirar a primeira pedra porque todos tínhamos telhados de vidro. E num campo como aquele, em que as estelas chegavam a pesar toneladas, o melhor era não pensar em arremessos.

O facto destes obeliscos terem sido esculpidos a partir de uma única peça de granito e terem gravados uma série de símbolos enigmáticos, alguns tinham mesmo janelas, portas e maçanetas esculpidas que eram entradas para lado nenhum, eram suficientes para nos refrescar e prender a atenção.

Mas nem tudo era cinza em Axum. Na Igreja Enda lyesus, Jesus, Maria, soldados, mortes, espadas, tambores, camelos, desfilavam em estórias pintadas nas paredes agora nuns tons expressivos de amarelo canário, azul turquesa, vermelho sangue, verde fresco e laranja suculento... A parte de baixo, toda ela, mantinha-se no amarelo, mas a partir das janelas e até ao teto, bem como nas portas, a criatividade e esplendor não tinham limites. Os pilares também eram todos amarelos à exceção de um, que se encontrava na entrada, e que tinha a forma de uma cruz, vermelha. A contornar a igreja, um pequeno gradeamento, todo em verde. A única coisa sem cor eram as túnicas brancas que as mulheres envergavam e que ressaltavam sempre que se colocavam frente às portas pintadas, de pé ou ajoelhadas, nas suas orações.

Enquanto me embevecia a olhar para a sua beleza, ouvi uma série de gritos e uma grande agitação envolta numa nuvem de

pó. Pelo adro entrava um burro assustado a correr, a puxar uma carroça que saltava desgovernada, e vários homens a tentarem apanhá-lo antes de haver algum infortúnio. Ao ver aquele cenário começámos também a correr, enquanto gritávamos, e o burro, com aquelas palas vesgas, fez exatamente o mesmo, mas na minha direção. Num dado momento deixei de ser testemunha da história porque ela se desenrolou nas minhas costas e eu só parei em cima de um muro. Felizmente o burro não teve impulso para tanto.

Coisas estranhas e inusitadas floriam na pasmaceira e tomavam conta dos lugares por onde andávamos, fossem eles quais fossem.

- Aqui não há café – dizia-nos o Feka depois de um excelente almoço amargando a boca de todos.

Volvido um minuto, entrava o empregado na nossa sala e perguntava-nos desde a cabeceira da mesa:

- Café?

A contrainformação levantava ânimos e braços prontos para a contagem.

- Ah, afinal tem!

- Não. Não temos café...

- Então porque é que perguntou?

- Para poder dar a resposta...

Saímos a rir pela porta do restaurante e fomos ao encontro da Rainha de Sabá, que se tinha infiltrado no nosso itinerário e cujo Palácio fazia nascer em nós uma série de fantasias e promessas... No entanto, quando chegámos às ruínas de Dungur, apercebemo-nos que tínhamos diante de nós um grande desafio para a imaginação. Ou éramos férteis nesse campo e podíamos erigir de novo aquelas estruturas, parede a parede, acrescentando divisões, visualizando pessoas, costumes e a vida no dia-a-dia ou estávamos apenas diante de pequenos muros de pedra, baixos, a delimitar pequenas áreas e a permitirem que umas ervas crescessem. O esforço para compensar a ausência de formas foi tão grande que a fantasia se apoderou de nós e acabámos por nos

conseguirmos sentar no ar, em tronos inexistentes, fazer um baile no salão onde eu e o Richard inventámos, em minha homenagem, a “dança da galinha, cozer pães nos dois fornos de tijolo e ainda espreitar às janelas sem paredes que as sustentassem. Éramos como crianças num recreio ainda que os adultos em nós nos levassem a subir e descer escadas, várias vezes, para diversificar a perspetiva e ver se não estava de facto a falhar-nos nada. Devia ter sido grandioso aquele palácio. Talvez.

Já o lugar dos “banhos”, uma enorme reserva de água acastanhada, rodeada de rocha e com vários degraus esculpidos, causava outro impacto, e conseguia juntar nas mesmas águas as vacas sedentas, as mulheres a lavar roupa e os homens nus a fugir ao calor.

Aos banhos seguiram-se a passagem pelos túmulos dos Reis Kaleb e Gebre Meskel, acedidos através de uma longa escada reta e que, de forma fresca, obscura e subterrânea, nos permitiam atravessar uma câmara e cinco salas, portais esculpidos e três sarcófagos.

Menos obscura era a Igreja Tsion Mariam, a mais importante na Etiópia e que se dizia conter a Arca da Aliança, levada para a Etiópia por Menelik I depois de ele ter visitado o seu pai, o Rei Salomão. Era composta por uma catedral, uma capela, uma torre do tambor, um museu e uma árvore enorme em tons de roxo, que tinha debaixo da sua sombra uma série de pessoas quietas. Era tudo igualmente transcendente, menos a minha sensação ao ver uma placa em madeira espetada no chão que continha a inscrição “Proibida a entrada a mulheres”. Não me passava pela cabeça desrespeitar aquele espaço, ainda que não compreendesse aquele tipo de limitações, mas sentia vontade de dar vazão ao instinto e acabei por colocar os braços em descanso sobre a placa, passando um pouco para lá da linha imaginária ali traçada. Não era uma acesa transgressora, era só um bocadinho, uns centímetros de braço, e isso não faria mal a ninguém, a não ser às vísceras do senhor vestido de branco que se aproximou de forma rápida e que me alertou com veemência para me colocar antes da placa. Acabei por me desviar como um cordeiro, assentindo, mas no meu coração assanhavam-se umas moléculas de loba. Nada demais, só viva cheia de humanidade.

No museu dessa igreja, numerosas coroas em ouro e prata, joias preciosas, robes elaborados, bíblias ancestrais e outros artefactos apresentaram-se diante de nós num contexto de simplicidade que fazia ressaltar ainda mais a sua importância e nobreza.

Mas a verdadeira nobreza iria encontrá-la já no regresso à nossa carrinha, quando fui interpelada por várias crianças, entre as quais se destacava uma rapariga com os seus nove anos, descalça, cabelo curto e com uma pele e roupa da mesma cor, terra. Depois de muitos dias a ouvi-los sempre a perguntar-nos o nome, o lugar de onde vínhamos, e a pedirem-nos dinheiro, a paciência já não era de todo a mesma e eles pareciam tornar-se para nós, transparentes e mudos. Mas aquela rapariga não, tinha forma e estrutura, e a sua persistência abaria por furar, minutos mais tarde, as minhas muralhas da indiferença.

- O que fazes na tua terra? Trabalhas em quê? – perguntou-me.

- Sou psicóloga.

- Ah, sabes, eu também vou ser médica. Médica dos olhos, porque aqui na Etiópia há muitos cegos e eu quero ajudá-los.

Travei o meu andar e olhei para ela, que me fitava com uns olhos acesos e fundos, que mostravam um universo inteiro, e um sorriso genuíno cheio de inocência, bondade e certeza.

- Tenho a certeza que sim. Com essa vontade vais ser médica dos olhos. – disse-lhe enquanto sentia que nada de mais importante lhe podia dizer.

Ela acompanhou-me em silêncio até ao autocarro, como se tivéssemos partilhado uma parte do destino e trazido o futuro ao presente de forma palpável. Eu já era psicóloga e ela já era a médica que almejava. Entrei no autocarro e, enquanto me sentava e ajeitava junto à janela, os meus olhos embaciaram-se de comoção. O pó que se havia colado ao vidro apenas me permitiu acenar a uma série de crianças de contornos enevoados, e enquanto retomávamos a marcha e nos abríamos a novas paragens, gravava-se em mim a certeza de que acabara de deixar na estrada um exemplo de um tesouro vivo. Humano.

ADDIS ABABA

Estávamos de volta ao aeroporto, para podermos regressar ao ponto de partida, Addis Ababa, e para fecharmos o ciclo etíope. A música no aeroporto parecia estar a soar mais alto e a paciência para os procedimentos aeroportuários tinha descido a pique porque vínhamos da festa, não havia um futuro comum, e já só nos restava o fardo funcional sem a recompensa.

O amargo arrependimento por não ter comprado a bíblia na ilhota do lago Tana aparecera com mais força nessa hora, mas não me dava muitas soluções para além de morder o lábio e seguir adiante. Deambulava pelo aeroporto para me distrair do que tinha dentro e me ocupar enquanto não éramos chamados para os apalpões e os detetores de metais.

Numa pequena banca, montada ali como numa qualquer feira de rua, um estudante etíope e colecionador de artigos antigos, punha à venda vários dos seus amores para poder fazer face às despesas escolares. A descansar na mesa estava aquele livro de folhas amareladas e ásperas, escritas em amárico, já muito folheadas, com uma bolsa a cheirar a anos passados e a pele de cabra. Estava ali, no final da jornada, a minha bíblia, aquela que nunca iria conseguir ler ou decifrar, que não estava imaculada e que tinha visto passar por si os dedos de alguém, vezes sem conta, até se amarrotar pela experiência, pelas dores e pela esperança. Ela estava viva como a estória que a acompanhava, a de pertencer a um eremita, rodeado de montanhas e de vazios, que havia preenchido os seus dias em orações e em anotações nas folhas. Não havia mais nada que me pudesse lembrar com tanta precisão aquela viagem, ou peregrinação, pela Etiópia.

Mas o preço era tão elevado quanto o meu entusiasmo, esticando-se para o impeditivo porque ainda tinha dois países pela frente e cerca de mês e meio para gastos. Tentámos conciliar-nos e entender-nos até sermos cortados pela chamada para o avião, que me obrigava a virar as costas, mais uma vez, e a encolher-me, desde os ombros até à Alma, dando passos curtos em direção à sala de embarque. Parada na fila, não conseguia ouvir os meus companheiros e só queria pensar depressa, decidir depressa, agarrar ou largar, e conviver com isso.

- Quero que fiques com ela. Prefiro receber menos porque acho que és a pessoa certa para a levar.

O jovem etíope estava ali ao meu lado e tinha-me dado um puxão no braço para me poder dirigir aquelas palavras.

Larguei as malas e abracei-o com tudo, antes de fazermos a troca de birr's e de nos despedirmos com muita gratidão e com a convicção de que ambos tínhamos ganho algo.

Talvez só nessa altura, depois de tantos testes, eu estivesse preparada para a receber. Segui para o avião, envolta em poeira, magia e um grande odor caprino.



Os meus companheiros de viagem, em tempos diferentes, começaram a deixar o hotel e a regressar às suas casas ou a voar para mais aventuras noutros países. Trocámos emails, perfis de facebook, promessas de continuidade e mais uma série de coisas que se costumam fazer e dizer nas despedidas, que têm tanto de verdade quanto de probabilidade de virem a ser apagadas ou atenuadas com a rotina dos dias no sítio do costume.

Aos poucos, as cadeiras à mesa das refeições iam minguando. A última pessoa a deixar a Etiópia, antes de mim, foi o Paul. No nosso último jantar pudemos falar da vida, das nossas vidas, das nossas relações, interesses, profissões, caminhos e perspetivas, ainda que nos tivessem sentado numa mesa para 4, já ocupada por 2 raparigas, no KFC. Eu ainda procurava comer galinha com sabor a “casa” e essa tinha-nos parecido a última e derradeira tentativa para conseguir o objetivo. Estávamos apertados, com as rodas de pizza a apanharem as duas mesas, e tínhamos sido convidados a provar e a partilhar comida, algo para o qual, nenhum dos dois, tinha propriamente jeito e vontade. Mesmo nessas circunstâncias atroz para dois reservados, conseguimos olhar-nos em profundidade e adentrarmo-nos em experiências que precisam de tempo, e de peregrinações, para saírem do lugar onde se encontram guardadas.

Ele falara-me na guerra, nas transformações e impactos que isso tinha numa pessoa, em tudo aquilo que era necessário fazer e

reconstruir depois de se regressar finalmente desse cenário. Não se voltava igual, não se voltava realmente, não se voltava inteiro. A humanidade daquele companheiro emocionava-me. As palavras que saíam carregadas de amor pela mulher e a gratidão que lhe tinha por o ter sustido, e continuar a suster, faziam-me acreditar nas relações e no seu poder para nos devolverem quem realmente somos e de nos sanar a muitos níveis, imagináveis. A força de vontade e aquilo que tinha construído apesar das circunstâncias da sua vida, reforçavam tudo aquilo que realmente me move, na vida e no trabalho.

Aproveitando a noite quente que se fazia sentir, regressámos ao hotel em passo lento, ao ritmo de quem não tinha nada mais importante para fazer.

- Vanessa, quando quiseres galinha, não te esqueças...

E incorpora a personagem do Rick Blaine na cena final de Casablanca, entoando a frase com profundidade:

- Teremos sempre o Kentucky Fried Chicken.



Depois de todos terem partido e de me terem deixado a navegar pelas cristas das memórias durante mais uma semana naquele hotel, chegava o da partida, 12 de fevereiro e, com ele uma baixa de energia, dores fortes de cabeça e corpo, cólicas, febre e sede, arrepios de frio, e tudo o que associamos a um gigantesco mal-estar geral.

Estava também possuída pelo sono e o meu máximo de felicidade não estava longe de tombar a cabeça, tapar-me com uma manta e começar a dormir assim que entrasse no avião, sem esperas adicionais por comidas ou explicações das portas de saída e das regras de segurança.

O voo era às 23h40 e eu saíra para o aeroporto às 21h, para poder passar pelas várias formalidades sem demasiada aceleração: tirar sapatos, tirar relógio, tirar metais, tirar cinto, segurar as calças, enrolar o casaco na mala, torcer as vértebras, passar o arco, apitar o sinal, sentir umas mãos, pegar em tudo à bruta, voltar a endireitar.

O percurso até ao balcão de check-in da companhia aérea tinha sido rápido e fluído.

- Qual é o destino final, Quito ou Miami?

Mostrei-lhe as folhinhas onde Miami aparecia apenas como uma paragem de duas horas entre voos.

- Vai para Miami? Onde é que está?

E perguntavam-me, repetindo, se tinha qualquer coisa que eu não entendia bem o que era e que me soava a um cartão de pontos.

- Não.

O tempo passava no relógio pendurado na parede e eu observava com desconfiança os ponteiros, a senhora a falar para o monitor e mais uma série de pessoas a sucederem-se e a perguntarem-me novamente o mesmo. Pegaram na minha mala, fizeram-na sair do tapete e colocaram-na junto aos pés, detrás do balcão.

- Não pode embarcar, porque precisa do visto para Miami. Não pode ir neste voo.

- Como?

- Tem de mudar para outro dia e tentar que passe por outro lado que não Miami.

- Mas eu não vou para Miami, é só um transfer.

- Não pode ir neste voo, mas pode pedi-lo online.

- E têm net aqui para que eu peça já a ver se dá tempo?

- Não, o visto demora no mínimo 24 horas.

O ar com que se imagina alguém a dizer-nos “não há bitoque” era muito mais grave do que o ar com que aquilo me estava a ser dito. Eu tinha sido apanhada a grande velocidade, ou tinha estado tempo demais na Etiópia e já tudo me parecia vertiginoso, mas não sabia o que responder ou o que fazer porque tudo se atropelava dentro da minha cabeça.

O relógio não parava e os ponteiros começaram a dar voltas como se quisessem que o avião partisse antes de eu encontrar a solução. A cabeça e o coração galopavam e debatiam-se entre a pressão e a esperança. Sentia os meus sonhos a queimarem-se e a transformarem-se em cinzas. Durante alguns momentos, acho que estive apenas ali, em corpo e sem alma, com a vida a acontecer à minha volta.

Ela falava com os responsáveis e com os balcões, eu ligava para Portugal e pedia para me ligarem para a Inglaterra, pois o meu contacto da viagem estava lá.

Tinha dez minutos, apenas dez minutos, antes de encerrarem os balcões.

Do lado de lá do telemóvel as notícias amontoavam-se e não num bom sentido. Os bilhetes não se podiam trocar, os valores não podiam ser devolvidos, os programas passavam a ser impossíveis de cumprir e as responsabilidades eram lançadas para o ar.... eram só pedras nos sapatos e buracos nas meias.

Morou em mim um turbilhão até se tornar real que o voo estava perdido.

Queria dormir, eu só queria dormir, esquecer e descansar. Regressei ao hotel, a única referência que tinha ali num cartão, não sem antes ter gritado furiosamente no parque de estacionamento quando um dos motoristas me aplicou um preço exorbitante, e que eu sabia ser inflacionado, não tivesse eu feito esse caminho há duas horas. À meia noite não era hora para se enganar ninguém, e muito menos quando as coisas não corriam de feição.

Fomos em silêncio todo o caminho, entrei no átrio onde tinha passado nove horas daquela tarde à espera de ir para o aeroporto e vieram logo em passo apressado e cuidadoso, tentando saber porque tinha voltado. Confirmaram apenas que era a senhora “Olivéria” e transportaram-me as malas, acompanharam-me de forma amável e abriram-me todas as portas de par em par, como se tivessem percebido que eu me tinha encerrado num qualquer lugar sem entradas nem saídas.

Cheguei ao quarto, larguei o peso esmagador da bagagem e do imprevisto, vesti o pijama, deitei-me e esperei um novo amanhecer.

O amanhã iria pedir-me para me converter numa artesã japonesa e consertar um objeto frágil despedaçado, eu mesma e a estória que escrevia, e utilizar o pouco ouro para unir as partes e converter algo perdido numa obra de arte.

Podia comprar um novo voo para o Equador, mas ele estava acima dos mil euros nessa altura e eu não dispunha desse montante tendo em conta a apertada matemática da sobrevivência durante os 52 dias. No entanto, se não comprasse esse voo, perdia o que já tinha gasto nos dois programas no Equador e no Brasil.

Podia também comprar um voo de regresso a casa, e a partir de aí comprar um novo voo para o Brasil, perdendo apenas o programa do Equador.

Talvez pudesse largar o plano original e conseguir alguma viagem num país perto, que me compensasse monetária e animicamente o valor investido no programa do Equador e do Brasil e que não me matasse o sonho.

A verdade é que não havia nenhuma hipótese que não implicasse uma perda, e até ficar no hotel a pensar sobre as hipóteses e a avaliá-las ia esvaziando a carteira com a diária e as refeições.

Depois de um dia a explorar programas em países fronteiriços, apercebera-me de que muitos não tinham partida imediata e os que tinham não eram quentes e eu só tinha roupa para calor, outros, com datas e com calor tinham preços que me encançavam a face, e os que tinham tudo estavam esgotados.

Voltar para Lisboa, fosse por cansaço, amuo, desespero ou sentido prático, já que os voos para todo o lado eram mais baratos a partir daí, colocou-se como a única saída. Entrei na página, preenchi os dados, defini as opções e datas e carreguei no botão.

“Lamentamos, não encontramos quaisquer resultados.
Tente ampliar a sua pesquisa”.

Refresquei a página mais duas vezes.

“Lamentamos, não encontramos quaisquer resultados.
Tente ampliar a sua pesquisa”.

Soou a campainha que assinalava novo e-mail:

“Olá Vanessa, estamos a tentar encontrar-te um voo. Entra nesta página e faz o pedido online do visto para Miami, é um processo que demora só 5 minutos e que custa 14 dólares. Falei com a companhia aérea e disseram-me que quando as pessoas não têm o ESTA visa, eles costumam dar a hipótese de fazer no momento no balcão. Tens um número de contacto para onde te possamos ligar? Melhores cumprimentos, Danielle.”

Vinte minutos depois, o tempo suficiente para mandar tudo para dentro da mala e preparar-me para sair no caso de se confirmar aquela nova hipótese recebi o e-mail que me iria colocar de novo num rumo traçado a carvão e borrado pelo acaso.

“A que distância estás do aeroporto? Estou ao telefone com a companhia e consigo arranjar-te um voo por 412 euros, mas terias de sair já do hotel. Melhores cumprimentos, Danielle.”

